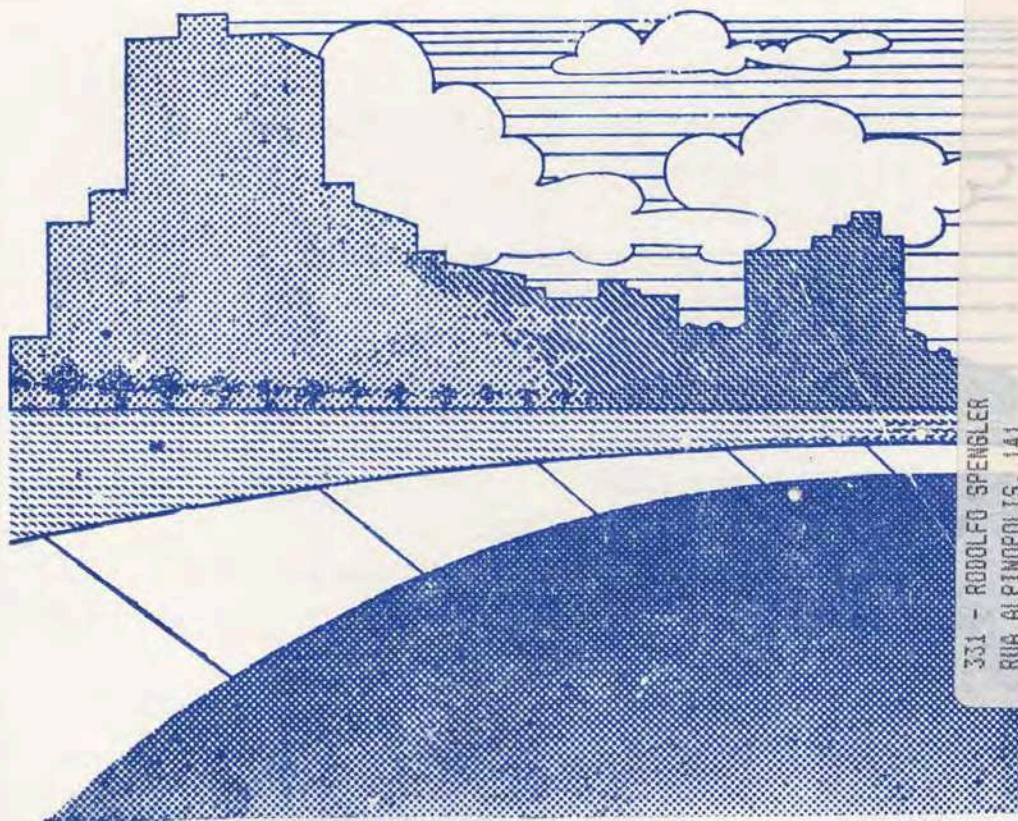


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXV

Abril de 1994

Nº. 4



IMPRESSO

331 - RODOLFO SPENGLER
RUA ALPINOPOLES, 141
BLUMENAU - SC
89020-230

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Schrader S/A. Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Arthur Fouquet

Paul Fritz Kuehnrich

Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.

Cristal Blumenau S/A.

Sul Fabril S/A.

Herwig Shimizu Arquitetos e Associados

Auto Mecânica Alfredo Breikopf S.A.

Maju Indústria Textil Ltda.

Casa Buerger Ltda.

UNIMED - Blumenau

Casa Flamingo Ltda.

Gráfica 43 S/A Ind. e Com.

Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

Genésio Deschamps

Padre Antonio Francisco Bohn

Curt Fiedler

Altamiro Jaime Buerger

Arnaldo Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXV

Abril de 1994

Nº. 4

SUMÁRIO

Página

O Prussiano que a mata abrigou (III) — Theobaldo Costa Jamurdá	98
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução Rosa Herkenhoff	99
Figura do Presente, "D. Amélia" — Cláudio Heckert	101
Curiosidades de Uma Época — XXXII — S.C. Wahle ..	102
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	105
A situação econômica do Brasil em fins do século passado	107
Reminiscências de Acurra — Atilio Zonta ..	108
"Minha imigração para Hansa-Hamônia hoje Ibirama — de Otto Wille.....	111
Aconteceu... Março de 1994 ..	118
Genealogia da Família Goedert — Pedro Ernesto da Silva	120
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	123
Figuras do Passado, Vitorino Bacellar — Antônio Roberto Nascimento	124
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn	127

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) 7,94 URVs

Número avulso 1,00 URV

Assinatura para o exterior (porte via aérea) 11,00 URVs

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-17-11
89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

O PRUSSIANO QUE A MATA ABRASILEIROU (III)

(Dr. Odebrecht: integração, dedicação e 15 filhos)

Theobaldo Costa Jamundá

Meu sogro era o Woldemar de Morro Pelado: sítio amorável onde na varanda o jasmineiro soltava a ramagem sobre as glicínias, e bem encostado o rio Itajai-açu encachoeirado descia a serra do mar. Nele Edgar era o visitante mais frequente. Na casa dos 60 anos e mais, dava singular interesse em falar do passado. Por esta faculdade de seu temperamento contou-me sobre uma preocupação de Emil Odebrecht quando organizava a equipe para as atividades de exploração do levantamento topográfico da estrada Blumenau-Lages-Curitiba.

— Recaía sobre o cozinheiro responsabilidade significativa porque também era despenseiro: guardar os alimentos, conservá-los, transportá-los e evitar desperdício. — Preparar a comida era a tarefa mais simples. — Quem apareceu dizendo-se com habilidades de mestre-cuca foi um cafuso. — Era nativo como outros e também como eles «sem eira nem beira». — De supetão um colega de Emil não aprovou. — Emil, tomou ouvidos de mercador, deu a responsabilidade e confiou. — E para que a informação ganhasse a importância, Edgar, concluiu que o cozinheiro satisfez com fidelidade do princípio ao fim da trabalhosa empreitada.

Do neto agrônomo Rolf Odebrecht (percuciente biógrafo da família, no isolamento familiar um Odebrecht autêntico) o material da coleta é outro e aqui segue decodificado, ele divulgou em «Biu-

menau em Cadernos» dados valiosos, disse que seu avô atuou na Comissão de limites como auxiliar. (Adiante darei as fontes bibliográficas). E que naquela trabalhou no rio Santo Antonio. — Convém entender que este rio não é apenas um dos muitos de uma hidrografia regional. — Emil andou por ele em 1884, havia em 1883 trabalhado no rio Iguassú no trecho de Salto Osório até a foz. Em 1885 fez o reconhecimento do rio Pepiriguassú. Estude-se a contribuição do demarcador, se tire conclusões para a avaliação do engenheiro, que além de imigrante localizado na Colônia de Blumenau, contribuiu com esclarecimentos científicos para demarcações mais que necessárias. — Isto por que tanto o rio Iguassú como o rio Pepiriguassú foram objetos de dúvidas e alimentaram interpretações geratrizes das questões de limites, seja a internacional com a Argentina; seja a estadual entre os Estados de S. Catarina e o Paraná.

(Convém avivar a memória para examinar, que entre 1886-1891 existia um comissariado para o reconhecimento de territórios e rios em litígio com a Argentina. E que o comissário com todas as suficiências, foi o bahiano Dionísio Cerqueira, demarcador entre os maiores).

Corria o ano da abolição da escravidão 1888, quando foi nomeado engenheiro-chefe do distrito de Santa Catarina. Foi outra comissão executada por vales, montes e planícies; outros dias

de florestas e sertões. — Outras atividades indispensáveis no fomento do progresso.

Em 1893 espichou as linhas telegráficas para Brusque e para Lages, ambas saindo de Blumenau.

Encontra-se similitude no comportamento do engenheiro Emil Odebrecht buscando princípios técnicos para que as linhas telegráficas mencionadas e sendo intermunicipais, dentro da rede estadual, saíssem de Blumenau.

Ele mesmo foi um centralizado em Blumenau - Os ares e a ambiência do ribeirão Garcia participaram na alimentação das raízes do seu abrasileiramento. Nutriram no seu paladar psíquico. Impregnaram a sua naturalização do sentimento de ser da terra.

Não o dono amparado no direito adquirido na forma da lei porém no sentir a penetração das imposições da Natureza como qualquer criatura vivendo.

— De certo a própria profissão exercida na exuberância da mata atlântica contribuiu para o bem querer (a querência) que o fixou.

— Ele foi entalhado um ser blumenauense pela sedimentação; foi argamassado na fôrma de vivência blumenauense sentindo a cidadania brasileira. — É bem claro, que o amor de Berta e o seu espírito cristão de chefe de família fe-

cundaram a força telúrica envolvente do seu lar

— Saiu vezes como roteirista de estrada subindo o planalto serrano (Blumenau-Lages-Curitiba), e regressou; saiu muitas vezes locando rios hostis nas ecologias mais agressivas, e regressou; saiu vezes tantas espichando o telégrafo aproximador de comunidades onde até o passar dos tropeiros eram casuais, e regressou.

— Portanto e por tudo para o direito de ser blumenauense não precisou de ato legal específico: quando faleceu contava meio século e três anos de domicílio e residência nos abeiramentos do ribeirão do Garcia, exatamente era avizinhado dos Kuhlmann onde vem aparecer mui saliente na Botânica Brasileira com início em 1910 João Geraldo Kuhlmann (JOHANN GERHARD KUHLMANN, 1882-1958).

Para se conhecer o enraizamento dos Kuhlmann e dos Odebrecht fica aqui a informação que, Woldemar é de 1879, Edgar é de 1881 e o botânico Kuhlmann é de 1882. Logo, os três foram crianças nos ares do ribeirão Garcia: os Odebrecht bem onde hoje fica a Rua Maravilha e os Kuhlmann uns passos para frente bem onde até o ano passado existia casa de enxaimel que foi deles, e se o progresso não a destruiu como a outras ainda existe.

(Continua)

Subsidios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Charpie (Fios de linho para feridas)

Centenas e centenas de soldados feridos, que derramaram o seu sangue pela Pátria, durante a atual guerra, estão se torcendo de dores em seus leitos nos hospitais, clamando por alívio e restabelecimento comple-

to. Infelizmente verifica-se uma grande carência de panos, gazes e sobretudo de fios de linho para feridas, nos hospitais. Em muitas localidades do Império a população vem acorrendo, a fim de auxiliar o Governo, na aquisição dos materiais indispensáveis para o tratamento e a cura dos pobres feridos. A Colônia Dona Francisca não se omitirá nesta ação, os seus habitantes irão demonstrar que se identificam perfeitamente e sofrem com a sua nova Pátria e sempre estarão prontos a ajudar, de coração aberto e mão estendida, a amenizar o sofrimento.

Todas as contribuições — fios de linho, gazes, etc. — serão por mim prontamente remetidos ao Governo da Província, com menção dos nomes dos generosos doadores.

Joinville, 26 de janeiro de 1868.

O Subdelegado C. J. PARUCKER.

Aviso

O abaixo assinado leva ao conhecimento de todos, que foi autorizado pela Câmara Municipal de S. Francisco, a proceder à aferição dos pesos e medidas neste exercício, e que não apenas os comerciantes e fabricantes de açúcar e cachaça estão sujeitos à aferição, mas também os vendedores ambulantes de bebidas. Notifico igualmente, que todo e qualquer negociante deverá ter todos os pesos e medidas.

Joinville, 30 de janeiro de 1868.

A. Kalotschke

(Em alemão e em Português)

Tributo de Gratidão

O professor Jacob Mueller, com o coração confrangido pelo passamento repentino de seu muito querido aluno Manuel da Silva Bastos, por si, pelo pai, avô, irmãos e mais parentes dele, agradece cordialmente a todas as pessoas que o acompanharam ao último jazigo, e com particularidade ao Sr Dr. Wigando Engelke, que com muita filantropia se prestou durante a doença do falecido, bem como aquelas pessoas e mais alunos do seu colégio que se encarregaram dos arranjos dos funerais e que assistiram a solene missa cantada, que se celebrou hoje pelo eterno descanso de sua alma.

Joinville, aos 23 de janeiro de 1868

Jacob Mueller, professor

Comunicação

Sabão preto e amarelo em caixas à razão de 70 réis a libra. Chapéus modernos para homens e senhoras, de palha e feltro, recomendam.

Soares & Cia.

O Kolonie-Zeitung

Será remetido, sem o suplemento, para qualquer endereço na Alemanha, ao preço de 7\$000 Réis por ano, 3\$500 por semestre e 2\$000 por trimestre, sem outras despesas, pela Expedição

A coleção do «Kolonie Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

"D. AMÉLIA"

«D. Amélia» nasceu em Barração, município de Gaspar, em 06 de maio de 1910, e recebeu o nome de Emília Reis.

Seus pais, Joaquim Reis e Catarina Merisio Reis, eram pobres e viviam do pouco que plantavam em sua pequena roça.

Ainda jovem, aos 13 anos, Emília perdeu a mãe, e, sendo a mais velha, arcou com o responsabilidade de cuidar de seus nove irmãos.

O pai, logo casou-se, na esperança de ter quem cuidasse da casa, mas não aconteceu como esperava, e, mais duas irmãs vieram ao mundo para a «Mila» cuidar.

Joaquim era muito austero, enérgico, e a jovem fazia tremendos sacrifícios para dar conta de tudo. Mas não reclamava.

Aos 20 anos de idade, casou-se com Antonio Heckert, operário nas fábricas em Brusque, e, por isto, pobre como ela.

O primeiro filho do casal, é nati-morto, devido às circunstâncias (o trabalho demasiado) e o pouco recurso que a época proporcionava.

Teve mais sete filhos, e, a última a nascer, também quase levou-lhe a vida (nesta época trabalhava na roça, pois o marido havia deixado a fábrica, por motivo de saúde).

Logo no início de sua vida de casada, teve de se responsabilizar pelo sogro, que, doente, sem recursos médicos, implorou-lhe a proteção, já que não queria ir com os outros filhos.

Era muito difícil, e a carga era pesada demais, mas, diante da insistência do velhinho, cuidou dele até que a morte o levasse.

Após o falecimento do sogro, a família transferiu-se para o bairro Santa Teresinha, e ali permaneceu por mais ou menos 10 anos.

Era conhecida de todos, por sua boa índole, sua coragem e determinação, seu caráter impecável, e, sobretudo, por sua generosidade.

Trabalhava sem descanso, na casa, no quintal, na máquina de costura que a ajudava na manutenção das despesas de sua grande família.

Sua fé era inabalável: devota fiel do Sagrado Coração de Jesus, Santíssimo Sacramento e Santa Rita de Cássia, jamais perdia a oportunidade de comentar sobre sua fé a todos que a rodeavam.

A família cresceu neste clima: religioso, honesto e feliz.

Seu maior sonho era ter um filho Padre, e lutou, impregnando nos meninos, a idéia do sacerdócio, conseguindo que três deles fossem ao seminário, mas depois de vários anos, desistiram.

Mendigava na vizinhança, no comércio, na Prefeitura, o enxoval para os meninos do seminário, e, com orgulho os preparava para que seus «futuros padres» tivessem do melhor, e, por isto, quando voltaram para casa, sua decepção foi grande demais.

Nesta época já era conhecida como «D. Amélia», apelido recebido carinhosamente pelas inúmeras pessoas que lhe queriam bem.

Em 1959 transferiu-se para Itajaí, instalando um pequeno comércio, mas sem prática e, com seu marido sem «tino» para negócios, veio morar em Blumenau em 1962. Aqui, continuava costurando e «Seu» Antonio era jardineiro.

Com os filhos já todos casados, voltou a Itajaí, onde ficaria aos cuidados de seu filho mais jovem — Antonio — que, para seu orgulho, havia-se ordenado Diácono.

Em toda sua vida, D. Amélia jamais deixou de ajudar a quem precisava, e sua luta foi realmente tremenda.

Seu querido esposo faleceu de câncer na garganta, no dia 29 de junho de 1985, abrindo mais uma chaga profunda em seu tão grande coração.

Com efeito, «Seu» Antônio, sempre fora seu companheiro inseparável e bom de todas as horas. Mas, que fazer?

— Seja tudo pelo amor de Deus.

Sozinha, continuou lutando, e, de sua velha máquina, tirava o sustento.

— A Senhora deveria descansar, sugeriu-lhe alguém; desde que a conhecemos, jamais a vimos descansar.

— Quando chegar a hora... enquanto eu viver, não haverá des-

canso. Aliás, gostaria que Deus me levasse, enquanto eu estivesse nos meus afazeres...

Jamais deixou de amar a Deus.

Jamais deixou de aconselhar a todos a seguirem os mesmos caminhos da fé.

No Natal de 1993, D. Amélia estava de cama, necessitando de ajuda até para beber um copo d'água; mas, diante de alguns filhos, entregou um presentinho para cada filho e neto: peças de roupas por ela confeccionadas, e, como em todos os outros natais, não esquecera de ninguém!

Hospitalizada em seguida, na cama, no soro, no oxigênio, e, sem quase poder se expressar, pediu para alguém lhe trazer duas camisolas, e, no dia seguinte, duas senhoras pobres, internadas no mesmo quarto, usavam tais camisolas, que haviam ganho «desta Santa Senhora».

No dia 31.12.1993, D. Amélia despediu-se deste mundo, deixando uma lição de vida, que, certamente, norteará cada filho, cada neto, e cada pessoa que a conheceu.

— Jamais parem de lutar; sejam fiéis e generosos; mas, acima de tudo: sejam ardorosamente «Irmãos do Mundo».

Cláudio Heckert

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXXII

BLUMENAU NA ERA DA AVIAÇÃO

S. C. Wahle

A Livraria de Carl Wahle (meu pai), cedo proporcionou-nos o interesse pelos livros e pelas revistas. Vendia todos os gêneros de livros e revistas, tanto alemães como nacionais.

Quando Guenther Plueschow visitou Blumenau, já conhecíamos de sobra as suas aventuras com um ultra-leve (Rumpler Taube), o avião militar da época (1914), descrevendo a sua fuga de Tsingtao,

naquele tempo colônia alemã na China, prestes a ser ocupada pelos chineses, através de seu livro «Der Flieger von Tsingtau».

Após a guerra de 1914-1918, não querendo abandonar a aviação, pois, a Alemanha estava impedida de construir aviões a motor, resolveu empreender expedições aéreas nos Andes, entre a Argentina e o Chile, num pequeno monomotor. Por vezes tinha que interromper esta tarefa, para angariar mais subsídios para dar continuidade a sua missão. Numa destas também visitou Blumenau, onde se apresentou com entrada paga no Cine Busch, aproveitando a ocasião para vender os seus livros devidamente autografados. Assim, Blumenau também teve a oportunidade de conhecer pessoalmente um herói da aviação militar alemã. Pouco tempo depois, Guenther Plueschow sofreu um acidente fatal nos Andes.

1926. — Um belo dia apareceu nos céus de Blumenau um hidroavião Dornier-Waal da Lufthansa, após ter voado em círculo sobre a cidade, dirigiu-se para o sul. Mais tarde soube-se que o passageiro do avião era um ministro alemão, em viagem de estudos para o estabelecimento de uma empresa de transporte aéreo.

1927. — Em virtude da proibição de construir aviões com motor pelo Tratado de Versailles, os alemães começaram a construir com sucesso planadores (aviões sem motor). Em 1927 formou-se em Blumenau o «Fliegerbund Blumenau», por um grupo de entusiasmados adeptos. Imediatamente

começou-se a construção de um planador, baseado em um projeto vindo da Alemanha. Este planador foi exposto e batizado com o nome de «Phoenix», nos salões da Sociedade dos Atiradores (Schuetzenverein). «Phoenix» é o nome de um pássaro legendário, que, segundo a crença popular vivia 500 anos, e incinerava-se sobre uma pira, para ressuscitar das cinzas, para então viver mais um período de 500 anos. Infelizmente, este planador não chegou a decolar, espatifando-se na decolagem.

1928. — Santos Dumont estava sendo aguardado no Rio de Janeiro, a bordo do transatlântico «Cap Arcona», maior navio de passageiros que na época fazia linha para a América do Sul. Organizou-se uma recepção festiva, que constava de um vôo de evolução com o então maior avião comercial de propriedade do «Syndicato Condor» (atual Cruzeiro), também denominado «Santos Dumont». Este vôo teve como convidados professores catedráticos da antiga «Escola Politécnica». Após ter lançado um ramo de flores de boas vindas, numa manobra infeliz desgovernou-se, caindo no mar. Neste acidente fatal morreram todos os passageiros e a tripulação. O mecânico de bordo era um blumenauense.

1932. — Neste ano surgiram de repente rumores sobre a construção de uma pista de pouso, na rua Cel. Feddersen, Itoupava Seca. Logo em seguida veio a informação da vinda de um avião de Curitiba que iria pousar nesta pista. Em seguida veio a notícia de que este vôo era de demonstração,

pois, em Curitiba fora fundada uma empresa de aviação denominada «Aerolloyd Iguassú», com intenções de efetuar dois vôos semanais entre Curitiba e Blumenau. O vôo demonstração foi um sucesso. Muita gente foi à pista para dar as boas vindas ao piloto e o seu passageiro. Após as cerimônias de praxe e as despedidas, o avião retornou a Curitiba. Em seguida vieram os agentes para vender as ações da nova empresa. Muitas pessoas em Blumenau adquiriram ações, pois todos viam com bons olhos este encurtamento de tempo de viagem. Infelizmente a sobrevivência deste empreendimento foi muito efêmera, e resumiu-se na vinda deste único vôo de demonstração.

1934. — Sobrevoou Blumenau o dirigível alemão «Graf Zepellin» no seu retorno de Buenos Aires, deixando a população bem excitada. A passagem foi bem cedo, o que obrigou a população acordar mais cedo que de costume. No entanto, para alguns blumenauenses, o dirigível não foi novidade, pois eles já tinham se usado dele em viagem do Brasil para a Alemanha.

1935. — Neste ano foi fundado o segundo «Clube de Planadores de Blumenau». Pouco se ouviu das atividades deste clube.

1936. — O dirigível alemão «Hindenburg» sobrevoou Blume-

nau, na sua última viagem à América do Sul, antes do fatídico pouso em Lakehurst, New York, 1937.

1941. — Foi entregue ao público o novo aeroporto de Blumenau, na região de Itoupava Central.

1941. — Durante os festejos da Semana da Asa no Rio de Janeiro, um blumenauense foi o vencedor da «Prova Guanabara».

1942. — O «Aero Clube de Blumenau» recebe dois aviões a título de doação, e, forma a sua primeira turma de pilotos.

1957. — Blumenau presenciou o primeiro desastre aéreo em plena cidade. Trata-se de um avião do Aéro Clube de Blumenau, que participara de uma revoada em Montevideu, e ao retornar caiu nas proximidades da Maternidade Elsbeth Koehler, causando a morte aos dois ocupantes, Alvir Koehler e Norberto Serpa.

1968. — Retornando de Lisboa, um DC7 da extinta Panair do Brasil, no momento do pouso em Recife, foi alcançado por ventos cruzados, caindo na cabeceira da pista. Houve muitas vítimas com sérias queimaduras, e entre as vítimas fatais encontrava-se o comandante do avião, um blumenauense, sobrinho de Frederico Guilherme Busch Jr.



I

O artigo «Bugreiro», de Sílvio Coelho dos Santos, publicado em «Ô Catarinal» (número 8, dez/93), descreve de forma clara o que foi a dominação dos antigos habitantes da terra e sua consequente dizimação pelos colonizadores europeus nesta parte da América. Com o pretexto de cristianizá-los e civilizá-los, promoveu-se autêntica invasão das terras indígenas em que todos os métodos eram válidos, desde a cooperação dos arredios por índios submetidos até a provocação deliberada de epidemias de doenças como varíola, sarampo etc., a passagem sumária pelas armas e a criação de grupos organizados «para trucidar pela boca da arma e a facção quem teimava em resistir». Um capítulo terrível na história da expansão capitalista no mundo.

Não é necessário grande esforço de imaginação para sentir o pavor provocado nos indígenas pela chegada repentina do branco, detentor de tecnologias desconhecidas, avançando mato a dentro, sem respeito a nada, escravizando os selvagens e arrebanhando suas riquezas. A arma de fogo, com seu raio mortal e barulhento, constituía o temor maior, como aliás o registrou a literatura no célebre poema «Caramuru» e em tantas outras páginas.

A organização de grupos de bugreiros beira o inacreditável e merecia um estudo mais completo de algum historiador criterioso. Esses grupos, autênticos «esquadrões da morte» daqueles tempos, eram constituídos de pessoas conhecedoras das regiões onde atuavam e dos hábitos dos bugres, atacando-os de surpresa nos seus próprios parapeiros, de preferência à noite, quando dormiam, ou de madrugada. Sílvio Coelho transcreve o depoimento de um deles, relatando que «o assalto se dava pelo amanhecer. Primeiro, disparavam-se uns tiros. Depois passava-se o resto no fio do facão (...). Cortava-se as orelhas, cada par tinha preço. Às vezes, para mostrar, a gente trazia algumas mulheres e crianças». Relata ainda que, à medida que os índios foram minguando, o Governo e as colonizadoras não queriam mais custear os esquadrões, mas recorda que já no período de Vargas ainda fez uma «batida», o que revela como isso tudo é recente.

Com o estímulo do Prof. José Finardi, fiz um trabalho sobre Martinho Bugreiro, o mais célebre bugreiro da região e que foi publicado nesta revista. Grande conhecedor dos índios e seus costumes (diziam alguns que fôra criado entre eles), Martinho era um matador frio e eficiente, liderando com firmeza sua bem armada «tropa». Uma foto dele e seus homens, posando garbosos, se encontra no Arquivo Histórico de Blumenau. Consta que sua família teria sido dizimada pelos bugres, gerando nele ódio profundo e grande desejo de vingança, sentimentos que canalizou para a «profissão». Apesar de tudo, não se julgava um criminoso,

naquele tempo colônia alemã na China, prestes a ser ocupada pelos chineses, através de seu livro «Der Flieger von Tsingtau».

Após a guerra de 1914-1918, não querendo abandonar a aviação, pois, a Alemanha estava impedida de construir aviões a motor, resolveu empreender expedições aéreas nos Andes, entre a Argentina e o Chile, num pequeno monomotor. Por vezes tinha que interromper esta tarefa, para angariar mais subsídios para dar continuidade a sua missão. Numa destas também visitou Blumenau, onde se apresentou com entrada paga no Cine Busch, aproveitando a ocasião para vender os seus livros devidamente autografados. Assim, Blumenau também teve a oportunidade de conhecer pessoalmente um herói da aviação militar alemã. Pouco tempo depois, Guenther Plueschow sofreu um acidente fatal nos Andes.

1926. — Um belo dia apareceu nos céus de Blumenau um hidroavião Dornier-Waal da Lufthansa, após ter voado em círculo sobre a cidade, dirigiu-se para o sul. Mais tarde soube-se que o passageiro do avião era um ministro alemão, em viagem de estudos para o estabelecimento de uma empresa de transporte aéreo.

1927. — Em virtude da proibição de construir aviões com motor pelo Tratado de Versailles, os alemães começaram a construir com sucesso planadores (aviões sem motor). Em 1927 formou-se em Blumenau o «Fliegerbund Blumenau», por um grupo de entusiasmados adeptos. Imediatamente

começou-se a construção de um planador, baseado em um projeto vindo da Alemanha. Este planador foi exposto e batizado com o nome de «Phoenix», nos salões da Sociedade dos Atiradores (Schuetzenverein). «Phoenix» é o nome de um pássaro legendário, que, segundo a crença popular vivia 500 anos, e incinerava-se sobre uma pira, para ressuscitar das cinzas, para então viver mais um período de 500 anos. Infelizmente, este planador não chegou a decolar, espatifando-se na decolagem.

1928. — Santos Dumont estava sendo aguardado no Rio de Janeiro, a bordo do transatlântico «Cap Arcona», maior navio de passageiros que na época fazia linha para a América do Sul. Organizou-se uma recepção festiva, que constava de um vôo de evolução com o então maior avião comercial de propriedade do «Syndicato Condor» (atual Cruzeiro), também denominado «Santos Dumont». Este vôo teve como convidados professores catedráticos da antiga «Escola Politécnica». Após ter lançado um ramo de flores de boas vindas, numa manobra infeliz desgovernou-se, caindo no mar. Neste acidente fatal morreram todos os passageiros e a tripulação. O mecânico de bordo era um blumenauense.

1932. — Neste ano surgiram de repente rumores sobre a construção de uma pista de pouso, na rua Cel. Feddersen, Itoupava Seca. Logo em seguida veio a informação da vinda de um avião de Curitiba que iria pousar nesta pista. Em seguida veio a notícia de que este vôo era de demonstração,

de natal, a Fundação Cultural Cid Pedroso, ocasião em que foi lançado meu livro «São Roque da Ventania», com grande afluência de público. x x x Convalesce em hospital paulista o escritor catarinense Péricles Prade, vítima de acidente automobilístico, a quem desejamos pronto restabelecimento. Muito ligado a Blumenau, ele é um dos expoentes de nossa vida cultural.

A SITUAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL EM FINS DO SÉCULO PASSADO

Interessantes revelações feitas pelo empresário Carl Hoepcke em carta enviada ao Dr. Hermann Blumenau já então residindo na — Alemanha —

«Hamburgo, 8 de outubro de 1898. — Meu estimado Dr. Blumenau. — Cordiais agradecimentos pelas suas felicitações do dia 4. Assim a última filha deixa a casa e mesmo que tudo fosse conforme nossos desejos, a grande distância será uma gota de amargura. Minha esposa e eu viajaremos em fevereiro-março completamente sós até lá, pois nosso filho caçula ficará em Dresden na Escola.

Devido a essas circunstâncias, nós ainda não lhe fizemos nossa visita e eventualmente não poderemos fazê-lo. O senhor compreenderá, pois foi uma viagem enorme que tivemos que vencer e ainda teremos que vencer.

Infelizmente meu irmão Paulo, em Weimar, não está nada bem. Ele sofre, desde o início do ano, do estômago e ao que tudo indica, parece que o mal está tomando um caráter maligno.

Referente ao câmbio, quero crer que já ultrapassamos a pior fase, mas ainda iremos mais alto que 9 (?) — Por quê? Bem, isto eu não sei; meu único argumento é, de que todas as repúblicas sul-americanas estão falidas e não é

explicável, porque também o falido Brasil deverá ter um câmbio muito pior que todos os outros países na mesma situação. O (arranjo) — plano financeiro Campos Salles — é bom e tem condições de melhorar a situação. Porém, isto só poderia ser definitivamente alcançado, se fosse posto um fim na corrupção administrativa do Brasil e nisto não posso crer. Eventualmente lhes será imposto uma espécie de tutoria, na forma de uma comissão financeira. Isto seria a única solução.

A crise de caixa eu a considero muito grave; ao meu entender teremos que esperar uma super-produção geral. Com a melhoria do câmbio a situação brasileira se tornará mais aguda e muitos fazendeiros irão à falência e sem dúvida darão vultosos prejuízos aos institutos financeiros. Mas o que goza de saúde, superará estas crises, mesmo que elas durem, conforme eu julgo, muitos anos.

Desejando ao Senhor e toda sua família muita saúde e bem-estar, com as cordiais saudações minhas e dos meus, sou seu velho Carl Hoepcke».

(Tradução: Emilio Odebrecht Neto - 1994).

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta.

- Bairros: Estação, Ilse e Santa Bárbara e,
- Recepção das primeiras Irmãs Catequistas no Bairro Ribeirão São Paulo.

Na margem direita do caudaloso Rio Itajaí-Açu, no município de Ascurra, a partir da divisa, no Ribeirão Ilse com a localidade de Warnow, sub-distrito de Indaial, até o pequeno Ribeirão São Luiz, que divide até sua foz, os municípios de Ascurra e Apiúna, andamos pela primeira trilha e depois caminho aberto em fins do século passado. Desde então, até 1965, serviu de passagem dos produtos das colônias e das tropas de gado, oriundas do médio e alto Vale do Itajaí, e, posteriormente, com o seu prolongamento, dos campos de Lages. Ficara famoso a partir de sua abertura. Viera a chamar-se desde os primeiros anos de Estrada Geral, por onde sempre era transportada toda a riqueza dessa vasta região.

O Bairro Estação, assim chamado, em decorrência de no centro dessa comunidade, no primeiro decênio deste século, ter sido erguida a Estação da Estrada de Ferro Santa Catarina S. A.. Do Ribeirão São Luiz ao Ilse, entre o Rio Itajaí e as montanhas que encontramos na lateral dessa estrada, situa-se uma faixa de terras, toda plana, que não há quem fique inebriado com a sua beleza de uma verdura inconfundível. Bosques, lavouras, pastos, roças, banhados pelos afluentes e braços que contribuem para formar o maior rio do litoral catarinense, atraem pelo seu panorama alegre e cativante, a

todos quantos andam por esse caminho, margeando lindas montanhas, o qual, se encontra sempre em ótimas condições de tráfego.

Os bairros Santa Bárbara (ex-Cabras) e Ilse, têm início nessa Estrada Geral, indo terminar nos pés das montanhas localizadas nos fundos desses povoados.

No Bairro Estação, imigrantes italianos e colonos teutos, estes já descendentes de famílias radicadas em Blumenau, começaram a chegar e aí se estabeleceram na época em que os pioneiros se implantaram nos demais bairros de Ascurra, no terceiro quartel do século passado. Fixaram-se nessas planícies férteis, onde conseguiram, apesar de trabalhos extenuantes e dificuldades de toda a sorte, erguerem todas suas colônias, que se tornaram mais tarde, os principais centros do Médio Vale do Itajaí-açu, na margem direita. Esses pequenos proprietários, com o correr do tempo, levantaram suas pobres habitações, com telhados pontiagudos e fachadas de caibros cruzados, edificações essas, típicas ítalo-germânicas, semelhantes às construídas por pioneiros dos bairros de Ribeirão São Paulo, Val Nova, Tamanduá e Saxônia. Atrás dessas moradias, era costume da época, levantar pequenas estrebarias, nas quais ordenhavam as vacas e recolhiam o produto das roças. Nas pocilgas faziam a criação de suínos, marcas que sobre-

vivem até hoje. Todas as colônias lograram a esperada prosperidade, atraindo outras famílias. Os Geizer, Reblin, Moser e Seifert, bem como, Dalfovo e outras, foram praticamente as primeiras que se instalaram na Estação; Cechelero, Marcarini e Zimath, na altura do Bairro Santa Bárbara e Gadotti, Decke, Rutzen, Prada e muitas outras, no Ilse.

As plantações de mandioca nos morros, arroz em várzeas e fumo em folha em terrenos ondulados, representavam e ainda representam a base principal de suas economias. Extensos arrozais irrigados foram feitos nas laterais do caminho que conduz aos fundos do Bairro Ilse, até sua nascente. Colheitas anuais abundantes sempre trouxeram aos moradores, rendimentos expressivos. Entretanto, embora a maioria levasse uma vida relativamente feliz e com abundantes safras, centenas de casais jovens, ao correr dos anos, migraram para outros municípios mais desenvolvidos, em busca de alternativas mais fáceis e rendimentos mais elevados. Ao longo da Estrada Geral, também houve um grande êxodo. Porém, o centro do Bairro Estação, atraiu famílias oriundas principalmente do Alto Vale e de outras regiões menos desenvolvidas, e todas, a procura de trabalho. A Sul-Fábril, filial da matriz de Blumenau, deu impulso significativo ao município de Ascurra, e portanto, vem atraindo muita gente de fora. Outras indústrias recém-implantadas estão contribuindo enormemente para impedir novas migrações para outros lugares. O Bairro Estação é atualmente o mais populoso do município. O Santa Bárbara, por falta de espaço para ampliar as lavouras, ocorreu, ao correr dos a-

nos, também, expressivo êxodo familiar.

A administração municipal espera, que com a implantação de novas indústrias, a curto prazo, não mais ocorram mudanças de famílias para outras cidades.

Mas, podemos observar e admirar, a beleza dos bairros do município de Ascurra, bem como, a produção agrícola e industrial, que o tornam independente, econômica e financeiramente.

Há muitos anos, que os administradores dos bens da igreja Sagrada Família, ou seja, os fabriquiteiros, do Ribeirão São Paulo, estavam se mobilizando para trazer à sua comunidade as Irmãs Catequistas Franciscanas, da Congregação Religiosa fundada em Rodeio. Os moradores construíram residência confortável de alvenaria, próximo à Escola Pública e Igreja, oferecendo-lhes abundantemente mais do que o necessário. Enfim, a Superiora da Ordem, acabou acedendo ao convite, logrando êxito o esforço desses abnegados lavradores. Por ocasião da chegada, toda a população desse bairro foi recepcioná-las, liderada pelo pároco da Igreja Matriz Santo Ambrósio, Padre Alfredo Bortolini, no dia 1º de março de 1953. Encontraram elas, desde os primeiros dias de sua instalação, um ambiente propício para desenvolver um trabalho educacional eficiente e, de modo especial, dar assistência religiosa às famílias, na ausência, às vezes, do Padre Vigário. A recepção não podia ser mais cordial, solene e vibrante com a presença de todo o povo. Assumiram elas, de imediato, a Escola Sagrada Família e começaram a ensinar o catecismo e preparar os meninos para a primeira comunhão que ocorreria em ou-

tubro do mesmo ano. Irmã Olímpia Meneghelli, foi a primeira religiosa

a tomar posse na comunidade do Bairro de Ribeirão São Paulo.

No próximo número da edição desta Revista:

— Ordenação sacerdotal de três padres Salesianos ascurrenses, em dezembro de 1957, e a presença das Filhas de Maria Auxiliadora, (Irmãs Salesianas) em Ascurra no início de 1921.

Cartas

O nosso prestimoso colaborador Atílio Zonta, recebeu, de Curitiba, a seguinte carta:

«Curitiba, 28 de setembro de 1993. — Ao sr. escritor e historiador Atílio Zonta. Prezado Senhor. - Apesar de eu estar morando há 25 anos em Curitiba, sou descendente da imigração italiana da cidade de Ascurra. Meu pai, nascido em 1909 e falecido em 1988, chamava-se Francisco Poltronieri, filho mais novo do imigrante italiano Giovanni Poltronieri. Nascido na Saxônia e irmão do tio Prospero Poltronieri que, em 1924, junto com o ferreiro Joaquim Zonta, viajara a pé de Iratí a Foz do Iguaçu, em perseguição à Coluna Prestes.

No começo da década de 20, o meu avô mudou-se de Ascurra para Santa Maria, vindo a falecer em 1940 e deixando na propriedade de Saxônia o filho mais velho, o tio Evaristo.

E minha mãe, também nascida em Ascurra em 1908 e falecida em 1984, chamava-se Julieta Bertoldi, filha do imigrante Luis Bertoldi, da imigração trentina, de Rodeio; a nona Riquete, mãe de mamãe, era da família Poffo, irmã dos imigrantes Miquale, Giordaneo e João Poffo. De modo que a mamãe é prima do Eugênio, Ambrósio, Emílio, Severino e outros tantos Poffo. Ela nasceu e se criou aonde sempre morou o tio Júlio Bertoldi, logo após o engenho de arroz que era de José Bussi, no lado esquerdo.

Zonta, o motivo desta é que

sou assinante da revista «Blumenau em Cadernos» e sempre leio os seus artigos e, ao que me parece, o senhor quer editar um livro sobre imigração italiana de Ascurra, o que acho muito importante, porque nós não podemos perder a nossa história. A exemplo do que fez o padre Victor Vicenzi, em Rio dos Cedros.

O tio Júlio Bertoldi, hoje com 87 anos, sempre morou em Ascurra. Acompanhou todos os acontecimentos; acredito que ele teria muitos subsídios para cooperar com o livro, inclusive a casa dele, construída no começo do século, pelo meu avô. É uma obra de arte, digna de ser observada e fotografada. Tem portas de canela preta de duas polegadas de espessura, vigas de cerne esquadrejadas a machado, de 23x23 cms. Zonta, o nono Bertoldi era um homem que fazia de tudo; ele era ferreiro, pedreiro, marceneiro, agricultor, etc.. Ele trabalhou muito na construção do Colégio dos Padres Salesianos, onde minha mãe levava o almoço para ele quando lá trabalhava.

Caro Zonta: termino esta por hoje. Mas ficaria muito contente se o senhor editasse o livro. Quero me desculpar pela má redação e letra, porque eu só tive quatro anos de aula, ou seja, até o 4º ano primário. Possuo um livro de sua autoria: «Genealogia da Família Zonta», recebido de um moço do posto Santa Martha, na saída de Curitiba para S. Paulo. Um abraço. — Máximo Poltronieri».

Otto Wille, uma figura inesquecível

A TRAJETÓRIA DE SUA VIDA DE IMIGRANTE, NARRADA POR ELE MESMO, NAS PÁGINAS DO ALMANAQUE QUE ELE MESMO EDITOU NA DÉCADA DE 1960

“MINHA IMIGRAÇÃO PARA HANSA-HAMMONIA HOJE IBIRAMA - NO ANO DE 1904

de OTTO WILLE

No dia 12 de novembro de 1904, juntamente com meu pai Ferdinand Wille; irmã Martha; cunhado Emil Strauch com a esposa Marie e as duas filhas Anni e Olga, todos de Magdeburg, embarcamos em Bremerhafen no navio "Bonn" do Norddeutschen Loyd. A resolução da imigração para o Brasil fora tomada pelo pai e cunhado, devido à propaganda publicada numa revista, que descrevia o local como excelente para o futuro de um colono na Colônia Hansa, perto de Blumenau, no Sul do Brasil.

O navio tocou os portos de Roterdã, na Holanda; Leixões, em Portugal; Madeira, nas Ilhas Canárias e no Brasil, o Rio de Janeiro, capital federal deste país. A ancorou aqui, por haver a febre amarela e nenhum dos passageiros poderia descer para terra firme. Ficamos ancorados na Baía da Guanabara por algum tempo, e depois de descarregar, seguimos viagem. Mas, sem tocar o Porto de Santos devido a febre amarela, e seguimos até o porto catarinense de São Francisco do Sul. No ponto final de nossa travessia, deixamos o navio pátrio, que já se tornara caro para nós. Acenamos para a tripulação até que esta desaparecesse de nossas vistas.

A cidade portuária de São Francisco do Sul, nos deu a impressão de um lugar que parou há 300 anos. A sua população mista é constituída desde o mais profundo negro; ao moreno claro de sangue português misturado com negro. No Rio de Janeiro despertou-se nossa inveja quando

vimos com que maestria os trabalhadores do porto conseguiam acertar em suas bocas, as bolinhas de fubá que haviam preparado com a água fervente. Mais tarde tentei várias vezes fazer o mesmo, mas nunca consegui alcançar esta agilidade. A única coisa que aprendi aqui com maestria foi a chamada "paciência", que a conservo até hoje. A divisa "paciência" é a primeira obrigação do cidadão, a seguir com uma única diferença, a de andar sempre tranqüilo e devagar enquanto todos os outros passam apressados por mim, o que sempre me surpreendeu, pois devagar ou apressado, ao destino ninguém escapa.

Conheci o prato nacional do brasileiro, feijão preto com carne seca e farinha de mandioca. Não gostei nada, mas como é preciso se acostumar a tudo, até hoje este prato é para mim o preferido. No Hotel Lasperg, a mesa estava sempre coberta com muitos pratos deliciosos. Grandes e deliciosas lagostas e peixes muito bem preparados, que o mar oferece em grandes quantidades, bem como a sobre-mesa que era fartamente servida com bananas de cor amarela viva, ananás e doces figos. Tudo, tanto os frutos do mar como as frutas, na pátria só conhecíamos de nome. Nós aqui vivíamos, como se diz "no sétimo céu" e depois do almoço os pratos estavam limpos, nada restava, pois sabíamos que na floresta, não haveria estas coisas deliciosas.

Ficamos esperando por alguns dias o transporte. Depois embarcamos no navio

costeiro "Itapemirim", no qual não nos foi indicado nenhum camarote, mas fomos instalados no convés descoberto entre barris empilhados, caixotes, fardos e porcos que andavam soltos por ali, mas neste tempo frio e úmido pelo menos nos davam um pouco de calor: "Destino de Imigrante".

Quando a infundável noite finalmente acabou, estávamos ancorados fora do porto de Itajaí. Esperamos que clareasse o dia, já que aquele tempo não se podia entrar no porto com escuridão. Cansados e com frio juntamos nossas cobertas e travesseiros. Quando o navio atracou no cais, descemos à terra com todos os nossos pertences.

Nesta ocasião observei um senhor que estava entre nosso grupo; procurei me informar, e soube que o mesmo havia embarcado em São Francisco e possuía na Hansa uma Colônia, então entrei em contato com ele. Este em seguida colocou algumas caixas por cima da amurada do navio. Só algumas semanas depois obtive esclarecimentos sobre este gesto. Um certo cervejeiro de Blumenau incumbia este senhor de comprar na Alemanha rótulos de consumo, para garrafas com qualquer conteúdo alcoólico e estes deveriam aqui ser enfeitados. Como naquele tempo a bagagem do imigrante não era examinada pela alfândega, este senhor. N., no hotel em Bremen, repartia entre os imigrantes que se concentravam, para serem transportados juntos daquele porto, várias destas caixas aos imigrantes que possuíam pouca bagagem e assinava em seu nome. Provavelmente alguma coisa a este respeito ficou conhecido em Blumenau e este nosso "advogado de esquina" havia sido enviado para avisar o senhor N. que desta maneira se livrou das caixas marcadas com seu nome. Só bem mais tarde este senhor recolhia as caixas marcadas. Também meu pai recebera uma destas caixas, sem saber o que nela continha. Tempos depois nosso senhor N. estava de posse de um burro e contaram que o mesmo

recebera de presente do fabricante de cerveja. Então, o burro fora apelidado de "burro do selo".

Tempos depois quando o fiscal notou que o senhor H. não mais comprava os valores de selos para sua cerveja, fez uma verificação na sua casa, procurando em todos os cantos e ranchos, sem nada encontrar. O que ele não podia examinar era o quarto de dormir onde a senhora H. estava acamada e de acordo com a lei, ninguém poderia entrar. Este caso foi mais tarde resolvido por um parente influente.

Em Itajaí fomos instalados no Hotel Burghardt em um rancho, pois não havia camas disponíveis.

A viagem continuou depois com o vapor fluvial "Progresso", rio Itajaí acima, passando a Barra do Rio, Ilhota e Gaspar. Em Gaspar, passamos para o Vapor "Blumenau". Esta viagem Fluvial é a única lembrança agradável que ficou na cabeça das 35 pessoas que hoje vivem e faziam parte do grupo. Os pastos de um verde exuberante nas margens do rio, o gado bem tratado, as plantações de milho e de cana-de-açúcar em ambos os lados, eram a prova da grande fertilidade da terra. Uma vez ou outra via-se uma casa de barro ou de madeira, cercada por árvores de laranjas, tangerinas, pêssegos e bananeiras com grandes cachos, que logo poderiam ser colhidos. Os moradores da terra nos cumprimentaram. Eram chamados de colonos, e estavam vestidos só com calça e camisa, na cabeça um largo chapéu de palha e todos descalços. Alguns de nós ficaram tentados a fazer o mesmo, tirar os sapatos e jogá-los na água. Felizmente ninguém o fez, pois os mesmos prestaram bons serviços mais tarde na floresta.

Numa curva do rio aparece a "Ponta Aguda", apresentando a cidade de Blumenau, uma vista muito agradável. Sentíamos nosso coração palpitar mais apressado com a idéia de que este agora seria o centro de nossa nova pátria. O que nos reservará o futuro? Será que nos senti-

remos felizes na nova terra? Será que vamos nos acostumar às novas condições de vida, que são tão diferentes das que deixamos para trás? Quem o sabe!

Depois que o vapor atracou, nos despedimos do simpático comandante Hadkländer e do seu maquinista Gall, que nos tinham contado muito a respeito de Blumenau, dando-nos conselhos de maneira que já estávamos bem orientados. No porto nos cercaram os curiosos, entre eles alguns "influentes" compareceram para ver os "Neudeutschen" como eram chamados os imigrantes. Eles nos acompanharam até o Hotel Holetz e durante o percurso nos fizeram muitas perguntas. Eles tinham agora um novo assunto para discutir no "Stammtisch"

O Hotel Holetz já naquele tempo era uma edificação impressionante. Apesar de haver muitos quartos vagos, não nos foi indicado nenhum. Ficamos numa mesma sala, onde todos se instalavam em um salão de bailes. Nesta sala, os músicos tocavam nas festas e era bom para nós imigrantes, que éramos vistos como pertencentes à segunda classe. As reclamações feitas por alguns de nós foram observadas, porém de nada teria adiantado, pois a viagem de Bremen até o destino Hammonia-Hansa e Neubremen já fora pago com antecedência ao agente de imigração Friedrich Missler em Bremen, e nós não precisávamos mais ser considerados. Para saber como era avaliado o imigrante naquela época, bastava ler o "Urwaldsbote", um jornal de Blumenau onde era condenada uma expressão de um certo Dr. Janasch que os classificava como o "adubo cultural para o Brasil". Só bem mais tarde chegamos à conclusão que com esta expressão ele não tinha cometido uma injustiça tão grande.

Portanto mais uma vez tiramos nossas roupas de cama e as estendemos no assoalho. Depois de jantar fomos ver a cidade. Novamente fomos olhados com desconfiança. O que se podia notar na expressão de alguns curiosos, era que na

nossa concepção, encontravam-se algumas figuras de quermesse, que pesarosamente olhavam para nós, nos criticando. Cada um deles deveria agradecer aos céus que mais um grupo chegava à terra, mesmo que os imigrantes fossem diferentes em sua maneira de vestir, aparência e idade. E não, avaliá-los como pessoas saídas de um campo de concentração, se é que estes já existiam na época. Certamente todo imigrante apresenta qualquer característica do lugar de onde procede, e certamente nem todos tinham os meios à disposição, e outros não dispunham de nenhum.

Do hotel passamos a ponte sobre o Garcia, e visitamos o jardim belamente situado em frente à Câmara. Admiramos ali o monumento em memória ao Dr. Blumenau, fundador da Colônia. Nosso passeio continuou até a Rua das Palmeiras, na qual ficamos impressionados, e sempre olhávamos para as palmeiras frondosas, que se moviam no sol tropical. No final da Alameda, avistamos em cima de uma colina, a Igreja Evangélica, onde tinha uma escadaria com palmeiras ao lado. A mesma fora planejada pelo primeiro construtor da época, o senhor Heirich Krohberger. Fora construída sem torre, porque não era permitido aos evangélicos, e somente as Igrejas Católicas podiam desfrutar deste privilégio. Voltamos pela mesma Alameda, cerca de 400 metros de extensão até o Hotel Holetz, aqui atravessamos a "Kaiserstrasse", a atual Avenida Rio Branco. Passamos mais adiante sobre o "Blohmskanal", à rua principal para cima, tendo ao longo dela construídas poucas casas particulares e de negócios. Seguimos pela rua Bom Retiro, atual Floriano Peixoto, que nos levava a passar pelo Hospital católico até o Heringsheim, local onde os irmãos Hering haviam construído uma grande tecelagem, que é o orgulho dos blumenauenses.

O ponto central da cidade é a Igreja Católica, que está situada em cima de uma colina e pode ser vista de todos os lados.

A rua principal continua até a atual casa comercial de Carlos Hoepcke onde ela termina. O comprimento total da rua é de 1.400 metros. No final da Rua Principal à esquerda, um caminho leva ao Vale da Velha, e em linha reta um outro leva para Altona na atual Itoupava Seca.

Como já estava escurecendo, voltamos ao hotel. Deitamos no assoalho para dormir e sonhar com um futuro incerto. Na manhã seguinte às 5 horas continuamos a viagem para a Hansa. Mulheres e crianças sentadas em cima de caixotes que estavam empilhados e amarrados sobre carroças de carga puxadas por quatro fortes cavalos. Os homens tinham que fazer a marcha a pé, o que lhes custou muitas gotas de suor, pois tínhamos deixado a Alemanha em pleno inverno e estávamos vestidos com nossas roupas grossas, para chegarmos aqui em pleno verão e expostos a um sol abrasador. Alguns companheiros, querendo acostumar-se logo com as condições locais e também para economizar as solas dos sapatos na marcha de 70 Km, cometeram a tolice de tirar os sapatos e meias jogando-os na carroça para fazer o percurso descalços. Estes logo se arrependeram pois os pés, que não estavam acostumados a andar descalços, feriram-se causando-lhes grandes dores, a pareciam andar sobre ferros em brasa, como se costuma dizer. Lamentavelmente ninguém havia feito um curso com o faquir hindu, que os teria ensinado a andar sobre pregos ou mesmo cacos de vidro.

O que mantinha a boa disposição dos viajantes eram as deliciosas uvas, pêssegos, bananas e as doces melancias e uma vez ou outra, uma caneca de água fresca de um claro riacho, que ao longo da margem era estendida ao cansado peregrino por um dos colonos. Passamos por Altona (atual Itoupava Seca), Weissbach e Encano. Compramos algumas garrafas de cerveja de mel, que era fabricada pelos próprios colonos

e custando quase nada. Então, nos refrescamos com a cerveja para conseguir nova coragem e enfrentar a caminhada até Indaial onde chegamos às 11 horas da manhã. Nesta localidade foi feito um descanso, os cavalos foram desatrelados, receberam água e ração; e também nós no Hotel Lüders, fizemos um almoço bem saboroso. Depois de um descanso de três horas, a viagem continuou, até o lugarejo chamado Warnow, onde a viagem parou, primeiro dia havia terminado.

Aqui na hospedaria Stahnke, nem mesmo recebemos um quarto, mas estendemos nossa roupa de dormir na cancha de bolão. Tão logo havíamos nos instalado, desabou um terrível temporal de vento e chuva que entrava pela cancha, molhando toda nossa roupa que já havíamos estendido no chão. Felizmente a roupa secou logo, com o reaparecimento do sol. As trovoadas aqui logo passam e livram o homem e o animal exausto do calor do dia, recuperando-os após a chuva forte.

Depois desta chuva abençoada, com o ar e a estrada livres da poeira, podíamos na manhã seguinte continuar dispostos a nossa viagem. Deixamos o Ilseberg para trás e chegamos à Ascurra, depois ao Ziegenbach, atravessamos o Bodebach, passando então por pouco tempo no Bugarbach, na atual Apiúna. Quando queríamos entrar na hospedaria Hosang, cujo proprietário tinha uma cervejaria, fomos simplesmente impedidos pela sua esposa, que estava com a vasoura na mão e deu-nos a desculpa de que amanhã era o primeiro feriado de Natal e ela fizera limpeza geral na hospedaria, pois nos três dias seguidos de feriados ali se realizariam bailes. Ela nos fechou a porta diante do nariz! Muito bem, enfim, não recebíamos a alimentação prevista no programa de viagem.

Com o pensamento: "perigoso é despertar a fúria do leão", continuamos nossa marcha pelo Bugarbach, no rio Neis-

se, já que aqui não havia ponte sobre o rio.

Gostaria de incluir um episódio ocorrido! No ano de 1906, o governador do Estado, Pereira de Oliveira visitava a Colônia Hansa e Blumenau. Quando ele e sua comitiva, de carro puxado por cavalos, (naquele tempo não havia automóveis) chegaram ao Bugarbach, onde haviam preparado uma festiva recepção, encontraram na estrada à esquerda do rio Neisse, uma pinguela, pela qual podia passar somente uma charrete, e em caso de cheia do Rio ficava fechado por um laço. Diante desta barreira estava postado o dono da hospedaria e açougueiro, senhor Wilhelm Voigt, que se aproximou do veículo do governador e fez um discurso, pedindo uma ponte. Disse ao governador para que ele mesmo se certificasse da necessidade. Então ordenou ao boleeiro que o seguisse, levando-os até a margem, onde toda a comitiva tem que atravessar o rio, pulando de pedra em pedra e o carro que fosse atravessado na água do rio, pois este estava baixo. Mas de nada adiantou ao bom cidadão: a ponte só foi construída em 1927...

Continuamos por mais 10 Km para o Morro Pelado, onde com o auxílio de uma balsa, atravessamos o rio Itajaí. O caminho segue pelo Cochoberg em direção à Hammonia. Na margem do rio havia uma pequena casa de madeira e um rancho. A casa era habitada pela viúva Bichels, que era a balseira. Aqui também em último caso se encontrava abrigo e comida. Neste local fizemos uma parada, pois já estava escurecendo.

Em dois dias nós havíamos percorrido 40 Km. Com a temperatura reinante, fizemos certamente um grande feito. Durante esta viagem todas as pessoas se aproximaram mais umas das outras em conversas sérias e alegres. Nós vínhamos de diversas regiões de nossa pátria: Buchner, de München, como também Neulinger; Weissenbruch, de Kassel; Hermann Maas e Walter Maas, de Mannheim; Blühtgen, de Dresden; Grepler, de Berlim; Tharum,

de Mecklenburg; Wille e Strauch, de Magdeburg. Apreendi muito do que contavam Weissenbruch, Neulinger e Buchner, dos quais Buchner, já estivera anteriormente na Hansa e Neulinger e Weissenbruch possuíam ali uma Colônia. O primeiro trazia sua família, a de Neulinger já estava aqui e Weissenbruch voltava com sua jovem esposa. Foram feitos muitos planos e traçadas idéias, sobre plantações, construção de casas e o trabalho na Colônia, sendo que cada idéia era amplamente discutida. Desta maneira o caminho tornara-se uma aula e nos parecia bem mais curto.

Depois de jantar, era NOITE DE NATAL. Nós nos reunimos em volta da árvore de Natal, que a Mutter Bichels tinha armado e enfeitado com coloridas bolas de vidro. Na falta de um pinheiro, servia a árvore de natal brasileira que cresce aqui no planalto. Cantamos as conhecidas canções de natal, mas nossos pensamentos estavam na pátria, com os parentes que lá ficaram.

Todos nós estávamos um tanto tristes e os mais velhos com apreensão olhavam o futuro incerto. Chegaremos a alcançar o objetivo a que nos propusemos? Nós, um pouco mais jovens, não pensávamos muito nisto, pois cada dia nos apresentava uma outra novidade. Silenciosos apertamos as mãos e procuramos nosso canto para dormir. Eu mesmo não pude ser acomodado na casinha por falta de espaço. Procurei um lugar no estábulo, me deitei na mangedoura, iluminada pelo luar, pensando no menino Jesus, que também na noite de Natal esteve deitado na mangedoura. Mas aqui não estavam à minha volta os reis Magos, mas sim alguns cavalos que estavam surpresos com este hóspede inesperado, pois sacudiam as orelhas e as cabeças a cada momento, fazendo soar os sinos que levavam em volta do pescoço. Logo adormeci sob a proteção da lua, que seguia silenciosa seu caminho, e o badalar dos sinos das vacas e cavalos.

Bem cedo no dia seguinte continua-

mos a viagem, subindo o íngreme Cochoberg, onde bem no alto Neulinger tinha sua Colônia. Depois de um rápido cumprimento por parte de sua esposa e de seu enteado Emil Hieber, mais tarde meu grande amigo, continuamos nosso caminho descendo o Cochoberg, passando o vale dos Taquaras, onde a família Blüthgen, havia escolhido uma Colônia. Despedindo-nos da mesma, continuamos nossa viagem para Hammonia, sede da Cia. Colonizadora Hanseática, onde na porta do Hotel Lüderwald, fomos recebidos pelo diretor da Colônia, Friedrich Mörsch, que nos serviu café, doces e outros refrescos, como também não faltou o delicioso pão de casa.

O pastor da Hansa, Dr. Paul Aldinger veio para nos conhecer, bem como o engenheiro-agrimensor e chefe da polícia José Deeke, e seu agrimensor Werner Weber. Enfim, toda a direção colonial veio nos dar boas vindas!

Também aqui, como em Blumenau, estávamos cercados por curiosos, que há pouco tempo se haviam instalado e talvez tenham vindo numa apresentação bem mais curiosa do que nós, mas mostrando-se agora "muito entendidos" davam conselhos a todos, apresentando-se como grandes conhecedores do país. Mas quantos deles, pouco depois, desistiram da luta com a floresta e desapareceram em qualquer canto do mundo.

Depois de algum tempo deixamos Hammonia. Enquanto os outros companheiros de viagem continuaram caminho. Meu pai e eu fomos convidados por Arthur Weissenbruch e sua amável esposa, para acomodarmos numa carroça por ele alugada, para conhecer sua Colônia situada no Raphael. Também juntou-se a nós o casal Friedrich e chegamos ao local em menos de uma hora. Weissenbruch fora formado como agricultor no Instituto Tropical de Wittenhausen e aqui viemos a conhecer os inícios de uma propriedade colonial. Também nos anos seguintes ele sempre nos

auxiliou com suas experiências. Depois que visitamos tudo, nós nos despedimos do amável casal e também do casal Friedrich que se estabeleceu no Raphael mais alto. Nós voltamos a pé até a embocadura do Raphael, cruzamos a ponte que ali existe, e seguimos pela Margem Esquerda do Rio Hercílio, passando o morro dos Carrapatos, para Neubremen, onde a estrada fora construída há pouco tempo.

Passando as Colônias de Bruno Göbel e Kretz, e algumas clareiras abertas por brasileiros, só havia floresta. Bem no alto do morro encontramos o colono Sommer, que nos recebeu diante de sua casa coberta de folhas de palmeira. Quando o caminho nos parecia longo demais, encontramos um brasileiro. Tirei do meu bolso o dicionário e procurei nele as palavras adequadas para começar uma conversa. "Bom dia, amigo, ainda está longe para Nova Bremen?" — "Logo ali", respondeu-me. Procurei outra vez no dicionário, "Muito obrigado, amigo!", nos despedimos e continuamos nosso caminho. Se um teu-to brasileiro tivesse ouvido nosso diálogo, na certa teria achado muita graça, pois eu não sabia em absoluto como pronunciar as palavras de "está e é". Um brasileiro passa por cima dos erros, reconhece que se faz esforços para aprender seu idioma. Tivemos que caminhar muito até que no sopé da montanha encontrássemos um rancho. Era o alemão Pixner e sua esposa, que nos receberam de forma amável e, nos convidaram a entrar, servindo café, pão, boa manteiga e lingüiça.

Orgulhoso, Pixner explicou, que fora o doce, pois hoje era natal, o resto todo era produção própria: pão de milho, da própria plantação; manteiga, do leite de sua vaca, que estava presa a um poste próximo da sua casa. Por motivo da festa de natal, matara um porco, tinha banha e toucinho, e salgara parte da carne que mais tarde seria defumada. Fizera também lingüiça que o manteria abastecido por algum tempo. Possuía duas colméias e as abelhas que lhe forneciam delicioso mel.

Eu de tudo isto não tinha a mínima idéia, pois vinha da cidade. Mas meu pai, que conhecia agricultura, já que ele mesmo, nos anos noventa do século passado tinha sido proprietário de uma pequena propriedade de 500 Morgen na fronteira com a Polônia. E percorrera o rio Wolga na Rússia como madeireiro, e também trabalhara como carpinteiro. Como conhecia tudo isto, com interesse ouvimos suas descrições.

Meu pai se dirigiu a mim, com as palavras: "Meu querido filho! O que nosso anfitrião, que nunca trabalhara a terra, conseguiu construir com muito trabalho com sua esposa, mostra que nós também poderemos conseguir o mesmo se você e sua irmã Martha tiverem a coragem de comigo enfrentar as dificuldades que tivermos, e só conseguiremos se formos unidos. Se chegarmos ao ponto onde estão Pixner e sua esposa hoje, poderemos pensar em mandar buscar sua mãe, sua irmã Anna e seu irmão Paul. Deus que nos proteja de doenças e acidentes, para que alcancemos este objetivo e nos fixemos nesta nova terra"

Relatei ao senhor Pixner, minha conversa com o brasileiro. Este me explicou então: "O brasileiro geralmente abre uma pequena clareira junto à margem do rio, onde sua mulher pode pescar, destrói então os tocos das árvores com fogo, ergue uma pequena choupana, as paredes são troncos de bambú, amarradas com cipó e o telhado é coberto com folhas de palmeiras".

Pixner também havia coberto sua casa com estas palmeiras, amarrando-as com cipó, o que muito admiramos. Ao colher estas folhas de palmeiras pode acontecer de encontrar nas mesmas, pequenos carapatos, que só esperam por sua vítima. São muito pequenos e podem passar para o homem onde se localizam quase que invisíveis, sugando-lhe o sangue e dando muito trabalho à vítima.

Existe outra qualidade, um pouco maior que de preferência atacam o gado e os cachorros, chamado aqui de caboclo. Quando seu ranchinho está pronto, sua mulher já semeou um pouco de milho e feijão, pés de mandioca, batata-doce e cana de açúcar; e a seu ver já cuidou para o futuro. Aqui tudo cresce depressa, a mulher tira os peixes da água, os maiores são fígados pelo marido em dias de luar ou à luz de tochas, nas tocas das margens do rio onde eles se escondem. Durante o dia percorre a floresta, com seu cão, ao qual se pode contar cada costela, para conseguir carne, que aqui é farta. Não depende de tempo, não possui relógio, a posição do sol lhe indica as horas. Por isto a resposta "Logo ali".

Os outros artigos de necessidade, a natureza lhe fornece. Da cuia, uma espécie de abóbora em forma de pera, com uma casca muito grossa, fabrica sua xícara, colher e bacias. Ele as usa também para a pesca, amarrando a linha de pesca na mesma e deixando boiar a cuia nos lugares calmos do rio, com alguns armazéns amarrados nela. A taquara, cortada ao meio lhe fornece material para tecer cestas, palha de milho para o chapéu e seu cigarro, alguns pés de tabaco lhe fornecem o fumo, o cipó o material para amarrar os balaies, que pode vender muito bem. A madeira do Piquiá lhe fornece colheres e a casca do tatu outra vez cestas. Compra para cozinhar uma única panela de ferro de três pés, depois uma chamada chocateira, de latão, para o café; algumas canecas de latão ou tigelas de barro brancas ou pintadas; e "coração o que queres mais". Mas não esquece o garrafão para 3 litros mais ou menos, pois a cachaça não pode faltar. Um facão que leva na cintura, pois sem ele não se sente homem e uma espingarda Pica-pau.

(Continua no próximo número)

— DIA 1º. — Em exames realizados com equipamentos especiais, técnicos da CELESC constataram a existência de quarenta pontos críticos na rede de energia elétrica do centro. São pontos em que ocorrem super aquecimento na rede, nas horas de maior consumo.

— DIA 3 — O Hospital Santa Catarina, faz comunicado geral sobre o início de atendimento no Pronto Socorro de Cardiologia, a cargo do UNICARDIO. ** Como resultado de dez anos de estudos, a Universidade Regional de Blumenau concluiu o levantamento dos imóveis construídos desde o século passado até 1950 e que pertencem ao Patrimônio Histórico do Município.

— DIA 5 — Às 11 horas da manhã, aconteceu a solenidade de inauguração da Rodovia Guilherme Jensen, ligando Itoupava Norte ao distrito de Vila Itoupava. O ato foi presidido pelo Governador Vilson Pedro Kleinubing e contou com a presença de outras autoridades e numeroso público que foi agradecer ao governador pelo cumprimento da promessa de governo, implantando uma rodovia das mais modernas dentro do município. ** Retornou a Blumenau, depois de participar de um programa de treinamento espacial do U. S. Space Camp, no Estado de Alabama, (EUA), o jovem Marcos Koch, de 13 anos, aluno da Escola Barão do Rio Branco. Marcos conquistou uma menção honrosa por se destacar entre outros 22 adolescentes, ganhando uma medalha de melhor trainee.

— DIA 5 — O 10º. Batalhão de Polícia Militar sediado em Blumenau, cumpriu uma programação especial para registrar a passagem dos sete anos de instalação em Blumenau. O Batalhão é integrado por quatro Companhias, com um total de 600 homens, sendo responsável pela segurança da população do Vale do Itajaí. ** No bairro Garcia, foi localizada larva do mosquito transmissor da febre Dengue e que se encontrava em água estagnada dentro de um pneu. ** A imprensa (JSC) divulga a performance dos corredores atletas da família Tiago, que, na abertura do ranking 94 do Clube dos Corredores de Blumenau, ocorrida quinta-feira, dia 2, colocou, nos três primeiros lugares, os três atletas filhos de Waldemar Tiago de Souza, ou seja: Waldemar Tiago Filho em primeiro, Ângelo Tiago em segundo e Sérgio Tiago em terceiro lugar. A prova foi realizada na pista de atletismo da CREMER. ** Foi iniciado o Curso de Paraquedismo promovido pelo ICAROS DO VALE, na sede ao lado do Aero Clube de Blumenau.

— DIA 8 — Mais de 100 empresas, entre elas muitas de grande projeção na área têxtil, participaram da Feira Nacional da Moda 94, nos pavilhões da PROEB. Uma feira de negócios, que atraiu compradores do Brasil e do exterior, cuja exposição foi aberta às 14 horas. ** A imprensa (JSC) dá destaque à performance da jovem Fabiana Fontanella, a representante do Balneário de Camboriú, eleita dia 5 Miss Santa Catarina 94, na festa realizada no Pavilhão A da PROEB, em Blumenau.

— DIA 9 — A Defesa Civil entrou em estado de alerta, em face do violento temporal que se abateu sobre o município nos últimos dois dias. A região mais atingida foi a das Itoupavas, em cujo vale houve sérios alagamentos de casas, causando

sérios prejuízos. As águas do Itajaí-açu subiram até 6 metros, enquanto que em Timbó, sete famílias ficaram desabrigadas porque as águas do rio Benedito subiram a quase 6 metros.

— DIA 11 — Às 20 horas foi aberta exposição dupla, no Hall da FURB, intitulada "Arte do Momento" e "45 anos de Fotografia Cubana", mostrando grandes momentos da história e do cotidiano da Ilha do Caribe — Cuba. 40 artistas participaram da mostra. Destes, 34 são cubanos e seis brasileiros.

— DIA 14 — O município de Rodeio, com um bem organizado programa de comemorações, abriu os festejos relativos aos seus 57 anos de emancipação política. ** O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Sta. Catarina lançou em Blumenau, seu Programa de Qualidade Total.

— DIA 15 — O BESC inaugurou sua agência central completamente remodelada, à rua 15 de Novembro. O ato oficial teve a presença do governador Vilson Kleinubing e do presidente da instituição financeira, Mércio Felsky, além de autoridades do município e grande número de clientes. ** O prédio e o terreno onde está construído o Centro Interescolar do Primeiro Grau foram doados à FURB, num ato conjunto do governador Vilson Kleinubing e do prefeito Renato Vianna.

— DIA 16 — No bairro Garcia foi instalado o Conselho Tutelar do Bairro, cujos membros tomaram posse. Ele é formado por Felicitas Maria Lenser, escolhida presidente, Pedro Stahelin, Irací Teriet, Sílvia Rossati e Liete Poerner Broering. O Conselho Tutelar é uma comissão criada por Lei Municipal. ** Foram eleitos presidente e vice presidente do Conselho Deliberativo da Fundação Casa Dr. Blumenau, respectivamente os conselheiros João Carlos von Hohendorff e Maria Beatriz Niemeyer.

— DIA 18 — O município de Gaspar comemorou a passagem de seus 60 anos de emancipação política, cumprindo um vasto programa de festejos.

— DIA 19 — Um violento temporal, com muito vento, atingiu Blumenau no período da tarde, provocando sobressaltos e danos em vários bairros. Casas foram destelhadas, árvores arrancadas e muitas ruas ficaram alagadas. Felizmente não houve vítimas.

— DIA 20 — A imprensa divulga a preocupação das autoridades policiais com o crescimento do tráfico de entorpecentes na cidade de Blumenau e noutras regiões. ** No Teatro Carlos Gomes, a Orquestra de Câmara de Blumenau abriu a temporada de 1994, apresentando um concerto sob a regência do maestro Cláudio Ribeiro e executando peças de Brahms, Carlos Gomes, Astor Piazzolla, Pergolezi, Heydn e Gerswin.

— DIA 23 — Segundo informações fornecidas pela imprensa, o menor faixa preta catarinense é o blumenauense Ricardo Aragão, com apenas 12 anos de idade e que, para conquistar este importante título, foi examinado por sete desta popular arte marcial.

— DIA 23 — Segundo informa a imprensa (JSC), a prefeitura de Blumenau enca-

minhou 18 casos de loteamentos irregulares à justiça. Desses, 15 já haviam sido multados.

— DIA 24 — Na Galeria Municipal de Artes foi aberta a exposição "Toques de Mestres", com mais de 30 obras dos artistas Pléticos Sueli Beduschi e Janga ** No Teatro Carlos Gomes, foi apresentado o vitorioso espetáculo "Sambarilove e as mulheres", interpretado pelo ator David Pinheiro e a atriz Lúcia Baruthaldi.

DIA 25 — O Círculo de Orquidófilos de Blumenau promoveu solenidade de abertura da exposição de Orquideas, flores da época e plantas nativas da região, no Mausoléu Dr. Blumenau. A solenidade contou com a presença de autoridades e numeroso público.

— DIA 29 — Cerca de 750 famílias moradores de diversos bolsões de pobreza em Blumenau, ganharam como presente de Páscoa peixes salgados que haviam sido apreendidos pela Polícia Federal. ** No saguão da Biblioteca da FURB, realizou-se a noite de autógrafos do livro de Anamaria Kovács, com seu aplaudido livro de contos "Bomba Relógio", que conta com ilustrações do artista plástico Telomar Florêncio e prefácio de Lindolf Bell. ** Na Praça de Eventos do Shopping Neumark, foi aberta, no dia anterior a exposição intitulada "A Evolução da Rua XV de Novembro" promovida pela Fundação Casa Dr. Blumenau" através de seu Arquivo Histórico. ** No mesmo dia, na praça fronteira ao Teatro Carlos Gomes, o Corpo de Balé do Pró-Dança de Blumenau, fez sua primeira apresentação do ano, dentro da programação de Páscoa, promovida pela Secretaria Municipal de Turismo.

— DIA 30 — A primeira etapa do asfaltamento do Anel Viário Norte de Blumenau foi inaugurada e entregue ao trânsito, em solenidade que contou com a presença do prefeito Renato Vianna e do governador Vilson Pedro Kleinubing, além de numeroso público. A solenidade de inauguração aconteceu no trevo em frente ao complexo esportivo do SESI.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA GOEDERT

Pedro Ernesto da Silva

(Continuação)

N10-39 Antonio Nicolau Manes, n. 20.7.1895, bat. Gaspar L4 — f. 165 — N. 244 (19V-14), (f) Nicolau Manes e Maria Madalena Goedert, (n/p) Nicolau Manes e Maria Werner, (n/m) Frederico Goedert e Margarida Schmidt.

F3-7 João Adão Goedert, n. 18.5.1856 — L. Alves, bat. SPA 08.6.1856 (68V-16) — Braço Serafim, (f) Frederico Goedert, n. 1824 e Margarida Schmidt, n. 1827, (n/p) João Jacó Goedert, n. 1778, (n/m) João Pedro Schmidt, n. 08.9.1791, (cc) Dorotea Theis — 1ª. esposa, (f) Sebastião Theis e Barbara Barth.

N1-40 Maria Goedert, n. 07.2.1881, bat. Gaspar 21.2.1881 (174-16), (f) João Adão Goedert e Dorotea Theiss.

N2-41 José Goedert, n. 17.3.1882, bat. Gaspar L II B — f. 4 — N. 54 (17V-5) 16.4.1882, (f) João Adão Goedert e Dorotea Theiss.

N3-42 Madalena Goedert, n. 03.2.1884, bat. Gaspar L II B — f. 53 — N. 40 (17-3). (f) João Adão Goedert e Dorotea Theis.

N4-43 Catarina Goedert, n. 09.2.1888, bat. Gaspar L3 — f. 85 — N. 39 (16V-1), (f) João Adão Goedert e Dorotea Theis. Em 29.1.1906 L2 — f. 26 — N. 7 (6-4), João Adão Goedert, n. 28.5.1856, c/ 48 a., (f) Frederico Goedert e Margarida Schmidt, (cc) Amélia Jentom — Itajaí — 2ª. esposa, (f) Andreas Jentom e Ana Müller.

F4-8 Ana Goedert, n. 26.7.1862, bat. SPA 10.8.1862 (71-37), Frederico Guilherme Goedert e Margarida Schmidt; (n/p) Jacó Goedert e Ana Maria Schwarz, (n/m) João Pedro Schmidt e Maria Madalena Wirschem, (cc) Guilherme Schramm, (f) Francisco Bernardo Schramm e Gertrudes Kemperdick.

N1-44 Guilhermina Gertrudes Schramm, n. 03.1.1884, bat. Gaspar L II B — f. 51 — N. 30 (39V-86), (f) Guilherme Schramm e Ana Goedert, (n/p) Frederico Goedert e Margarida Schmidt, em 14.1.1911 cas, Gaspar L 3 — f. 30 — N. 1 (7V-12), (cc) José Venâncio de Moura, 20 a., n. 1891, (f) Venâncio Filipe de Moura e Antonia Ana de Jesus.

N2-45 Margarida Schramm, n. 04.8.1885, bat. Gaspar L3 — f. 18 — N. 105 (39V-87), (f) Guilherme Frederico Schramm e Ana Goedert. (n/p) Francisco Bernardo Schramm e Gertrudes Kemperdick, (n/m) Frederico Goedert e Margarida Schmidt.

N3-46 Maria Madalena Schramm, n. 14.8.1887, bat. Gaspar L3 — f. 71 — N. 129 (40-88), (f) Guilherme Frederico Schramm e Ana Goedert etc.

N4-47 Ana Catarina Schramm, n. 11.7.1889, bat. Gaspar L3 — f. 123, N. 108 (40V-89), (f) Guilherme Frederico Schramm e Ana Goedert, (n/p) Francisco Bernardo Schramm e Gertrudes Kemperdick, (n/m) Francisco Goedert e Margarida Schmidt.

F5-9 Margarida Goedert, (f) Frederico Goedert e Margarida Schmidt, (cc) Pedro Theiss, (f) Sebastião Theiss e Barbara Barth.

N1-48 Margarida Theiss, n. 18.7.1882, bat. Gaspar L II B — f. 11 — N. 98 (43-V99), (f) Pedro Theiss e Margarida Goedert, (n/p) Sebastião Theiss e Barbara Barth, (n/m) Frederico Goedert e Margarida Schmidt.

N2-49 João Theiss, n. 09.5.1884, bat. Gaspar L II B — f. 58 — N. 70 (43V-100), (f) Pedro Theiss e Margarida Goedert, (n/p) Sebastião Theiss e Barbara Barth, (n/m) Frederico Goedert e Margarida Schmidt.

N3-50 Maria Amélia Theiss, n. 23.11.1889, bat. Gaspar L3 — f. 130 — N. 154 (44-101), (f) Pedro Theiss e Margarida Goedert, (n/p) Sebastião Theiss e Barbara Barth (n/m) Frederico Goedert e Margarida Schmidt.

F6-10 Bernardo Goedert, n. 09.5.1865 — Gaspar Mirim, bat. Gaspar, reg. 1019. f. 206 (16V-2). (f) Frederico Goedert e Margarida Schmidt, (n/p) Jacó Goedert e Ana Maria Schwarz, (n/m) João Pedro Schmidt e Maria Madalena Wirschem, em 16.8.1896, casado Gaspar L2 — f. 63 — N. 24 (6-5), (cc) Clara Becker e Barbara Jung.

F7-11 Catarina Goedert, n. 02.1.1867, bat. Gaspar — R. 980 — f. 198 (17-4), (f) Frederico Goedert e Margarida Schmidt, (n/p) Jacó Goedert e Ana Maria Schwarz, (n/m) João Pedro Schmidt e Maria Madalena Wirschem.

F8-12 João Goedert, n. 23.2.1869 (Poço Grande, Gasparinho) bat. Gaspar 11.4.1869 (14-78), (f) Frederico Goedert e Margarida Schmidt, Pad. Peter Freiburger e Catarina Schmidt, (n/p) Jacó Goedert e Ana Maria Schwarz, (n/m) João Pedro Schmidt e Maria Madalena Wirschem, em 14.6.1891 cas. Gaspar L2 — f. 18 — N. 17 (6V-7) (cc) Amélia Grociola e Ambrosina Fontana — Tirol.

N1-51 Amélia Maria Goedert, n. 01.6.1892, bat. Gaspar L4 — f. 60 — N. 104 (18-6), (f) João Goedert e Amélia Grociola. (n/p) Frederico Goedert e Margarida Schmidt, (n/m) Francisco Grociola e Ambrosina Fontana, em 24.4.1918, cas. Gaspar L8 — f. 108 — N. 14 (5-1), (cc) Bernardo Buckmann, 29 a., n. 1889. (f) José Engelberto Buckmann e Catarina Goedert. Com a morte de Amália Grociola, João Goedert casa-se 2ª. vez com **Maria Grociola**.

N2-52 Otilia Goedert, 21 a., 1894, n. em São Paulo, mesma fazenda no sul do Estado, (cc) Arnaldo Pierbianca, c/25 a., n. 1890, (f) João Pierbianca e Amália Schramm.

N3-53 Margarida (Cretchian) Goedert, n. 1900, idem n. em São Paulo, mesma fazenda ao sul do Estado, cas. Gaspar 07.8.1920 L3 — f. 139 — N. 62 (9V-21), (cc) Pedro dos Santos, n. 1895. (f) Francisco Caetano dos Santos e Maria Felisbina de Oliveira.

N4-54 João Goedert, c/23 a., n. 1896 — Jaraguá. (f) João Goedert e Maria

Grociola, em 06.9.1919, cas. Gaspar L3 — f. 125 — N. 45 (6V-8), (cc) Josefa Coradi, c/25 a., n. 1894, (f) Eugenio Coradi e Teresa Flena (?).

N5-55 Segundo Goedert, n. 1899 (Morro Grande), (f) João Goedert, n. 23.3.1869 e Maria Grociola, n/p Frederico Goedert, n. 1824 e Margarida Schmidt, n. 1827, (cc) Julia Oneda, n. 1906.

B1-62 Erasmo Goedert. Lagoa — Gaspar, n. 1920, (cc) Marta Pitz, c/8 f., (f) José Pitz.

B2-63 Augusta Goedert (Gaspar-Mirim), (cc) Orlando de Oliveira.

B3-64 Herta Goedert (Gaspar-Mirim), (cc) Bernardino da Cunha.

B4-65 Antenor Goedert (Morro-Grande), Olga Portina.

B5-66 Alida Goedert (Morro-Grande), Erasmo de Oliveira.

B6-67 Anselma Goedert (Gaspar), Porcino da Silva.

B7-68 (+) pequeno.

B8-69 (+) pequeno.

B9-70 Orlando Goedert, Reinilda Bucar.

B10-71 Maria Goedert (Centro Gaspar), Valdir Ferracin.

B11-72 Osmar Goedert (Poço Grande), Benta Gonçalves.

B12-73 Arno Goedert (Lado esquerdo Rio — Supermercado), n. 1946 (cc) Zenir

Stank.

N6-56 Francisco Goedert (Gaspar Alto), (cc) Ana Ponticelli.

N7-57 Maria Goedert, (cc) o cunhado (F-3) José Domingos dos Santos.

N8-58 Ambrosina Goedert, n. 14.9.1909 — Lado esquerdo Rio — Gaspar, (cc) Leoni Bolomini, c/ 5 f.

B1-74 Solano Bolomini, Br 470 — Gaspar, (cc) Elígia Schramm, c/4 f.

B2-75 Lucia Bolomini (Lado esquerdo Rio), (cc) Ernesto Schramm, c/1 f.

T1-45 Ana Cristina Schramm.

B3-76 Monica Bolomini (Lado esquerdo Rio), Ernesto Müller, c/6 f.

B4-77 Antenor Bolomini, Renata Schmidt.

B5-78 Matilde Bolomini (já (+)) Reinoldo Simon, R. Pedro Simon, Gaspar.

N9-59 José Goedert (+) 4 anos.

N10-60 Olga Goedert, (cc) o (N7), José Domingos dos Santos.

N11-61 Vitório Goedert (Poço Grande — antes da Ceval) (cc) Irene Porcino da Silva.

N12-62 Augusto Goedert (Gaspar), Maria Samson.

N13-63 Ana Goedert (+) em 2.11.1989), Manoel da Silva.

F9-13 José Goedert, n. 1872 (+) c/7 a. Em 28.6.1879 — Gaspar, (f) Frederico Goedert e Margarida Schmidt.

F10-14 Frederico Goedert — solteiro, (f) Frederico Goedert e Margarida Schmidt. (n/p) Jacó Goedert e Ana Maria Schwarz. (n/m) João Pedro Schmidt e Maria Madalena Wirschem.

O III Ramo compõe-se de :

— 14 filhos,

— 63 netos,

— 38 bisnetos,

— 45 trinetos.

(Apurados nos dois casamentos)

Bibliografias e Pesquisas

1 — Casa dos Jasmins de Frei Elzécrio Schmitt.

2 — Colonização de Santa Catarina, de J. A. Matos.

3 — Fruto da Imigração, de Padre Raulino Reitz.

4 — Famílias Pioneiras de Santo Grande, de Padre D. Koch.

5 — Arquivo da Diocese de Florianópolis.

6 — Arquivo da Fundação Frei Godofredo — Gaspar.

7 — Arquivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e "Blumenau em Cadernos".

8 — Igrejas de Santo Amaro da Imperatriz, Gaspar, Angelina e N. S. dos Prazeres, de Lages.

9 — Registro Cível de São Pedro de Alcântara, Angelina, Bom Retirô e Alfredo Wagner.

10 — Entrevistas diretas com parentes e amigos, desde 1986.

Pesquisas realizadas por :

Pedro Ernesto da Silva,

Pedro Ernesto da Silva, (cc) Neusa Teixeira da Silva, (f) Ernesto Marcílio da Silva e Clotilde Gerent, (n/p) Marcílio Manoel da Silva e Inês Gorges, (b/p) Manoel Frutuoso Ribeiro e Maria Luiza de Ramos, (t/p) Frutuoso Ribeiro e Leocadia Rosa de Jesus, (q/p) Antonio Ribeiro e Maria de S. José — natural das Ilhas Graciosas — Arquipélago dos Açores — 1550, (n/m) Pedro João Gehrent (Gerent) e Ana Schmidt, (b/m) João Gerent e Ana Maria Wirschem, (t/m) Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger, (b/m) Nicolau Schmidt, n. 1815 — Brohl, Al. (Pai de Ana Schmidt), (cc) Margarida Bins, (t/m) João Pedro Schmidt, n. 08.9.1791 — Brohl, Al., (cc) Maria Madalena Wirschem.

Vieram da Alemanha em 1828. Chegaram a Florianópolis a bordo do bergantim "Marquês de Viana", a 12-XI-1828.

Rua da Praia, nº. 82 — 29.334-000 — Barra do Itapemirim, ES.
Fone: 027 - 532-2269.
Em 08.12.1992.

Aconteceu... há 50 anos passados

José Gonçalves

— DIA 08/12/1943 — No Teatro Carlos Gomes foi aberta a exposição de trabalhos, em madeira, do consagrado artista Erwin Teichmann.

— DIA 10/12/1943 — Foi fundada, em Rio do Sul, pelos clubes da região, a Liga Riosulense de Desportos.

— DIA 11/12/1943 — A Associação de Amadores Teatrais, de Blumenau, promoveu a apresentação pela "A Voz do Sangue", no palco do Teatro Carlos Gomes.

— DIA 12/12/1943 — Foi aberta, nos salões do Clube Náutico América, uma importante exposição de pintura, com cerca de 100 obras do artista Estanislaus Traple.

— DIA 19/12/1943 — Em disputado Campeonato Estadual de Futebol, de 1943, jogaram a S.D. Blumenauense (atual Olímpico) e o Avaí F.C. A disputa foi renhida e o resultado final foi de 2 x 2. A S. D. Blumenauense jogou com: Waldir, Artur e Arécio; Pisca Heine e Generoso; Iso, Willy, Bodinho, Pie e Abreu. Avaí: Adolfinho, Fateco e Diamantino; Chocolate, Beck e Henrique; Filipinho, Nizeta. Bráulio, Tião e Abreu. O juiz da partida foi o capitão Aldo Fernandes. A renda foi de Cr\$ 7.219,00.

— DIA 31/12/1943 — O jornal "A Nação" noticia a instalação do Tribunal de Penas da Liga Blumenauense de Desportos, constituído por: Presidente, Leopoldo Collin; membros: Federico Carlos Allende, Américo Stamm, Luiz Navarro Stotz e Alfredo Campos.

VITORINO BACELLAR

Antônio Roberto Nascimento,
do Inst. Genealógico Bras.

Seu nome completo era Vitorino Francisco de Sousa Bacellar, tendo sido o 6º. Prefeito de Joinville (1) e o primeiro de Mafra (SC), onde faleceu aos 27.8.1920.

Aos 22.11.1887, reuniu-se, em Itajaí (2), o "Club Republicano", que, em passo contínuo, propôs à Comissão Executiva do Desterro chapa com oito nomes, com vistas às eleições para a Assembléia Provincial. Dentre esses nomes estavam: Manoel Correia de Freitas (3), proprietário, e Vitorino Bacelar, comerciante.

Vitorino era filho natural de Gertrudes Teresa de Jesus, batizada aos 03.5.1805 (4), com seis dias, morta com 69 anos, aos 19.5.1881 (5), de febre nervosa, quando é dada como moradora no Saí, filha legítima do demarcador de terras Francisco Rodrigues Bacellar, natural da Cidade da Mariana, freguesia de N. Sa. da Condição da Vila do Príncipe, e de sua mulher Ana do Rosário, franciscuense, neta paterna de Victorino Rodrigues e de Gertrudes de Almeida Bacellar, naturais da Cidade de Mariana, e materna de Antônio de Oliveira Borges, natural de S. Francisco do Sul, e de Apolônia da Silva, esta morta aos

19.5.1819, já viúva de seu marido (6), que era irmão, ele, do Sargento-Mor, hoje Major, José de Oliveira Borges, ambos filhos do Capitão Manoel Gomes Galhardo e de sua segunda mulher Leonor Borges de Cerqueira. Esse Manoel Gomes Galhardo foi tronco, outrossim, da família "Gomes de Oliveira", de Joinville e cercanias.

Após haver Vitorino, nosso biografado, sua mãe foi a segunda mulher do fazendeiro do Saí Francisco José de Sousa, com quem casou não "por carta de ametade, segundo o costume do Reino de Portugal" (7), único caso de exceção que encontramos no regime de bens matrimoniais em S. Francisco do Sul, assim mesmo, convolado no regime comum — comunhão universal —, pela superveniência de filhos.

Francisco José de Sousa, filho do Tenente José Ferreira de Sousa, que manteve acirrada disputa por uma sesmaria no Paranguá-Mirim, hoje no Município de Joinville (8), com o Capitão Salvador Gomes de Oliveira, ao cabo de que este se saiu vencedor, foi casado, em primeiro leito, com Tormasia Tavares de Miranda, filha do Capitão-Mor Antônio Eugênio de Miran-

- 1 — Cf. ELLY HERKENHOFF, Joinville — **Nossos Prefeitos, 1869-1903**, Ed. da Pref. Municipal, 1984, p. 31.
- 2 — Cf. ÉDISON D'ÁVILA, **A República em Itajaí**, in Blumenau em Cadernos, Tomo XII, n. 10, outubro/1971, p. 194.
- 3 — Cf. A. R. NASCIMENTO, **O Republicano Manoel Correia de Freitas**, in Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIII, setembro de 1992, n. 9, p. 319.
- 4 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. Sa. da Graça.
- 5 — Livro n. 9 de óbitos da cit. Matriz.
- 6 — Livro n. 2 de óbitos da cit. Matriz.
- 7 — Arquivo judiciário da Comarca de S. Francisco do Sul.
- 8 — Arquivo Histórico de Joinville.

da Tavares (9), com quem tivera seis filhos: Ana Maria, Mariana, Antônio Tavares de Sousa Sênior, Tomásia, Clemente Tavares de Sousa e Maria Tomásia. Desse segundo leito, com a mãe de Vitorino Bacellar, o padraсто dele teve mais quatro filhos: Teresa Gertrudes, segunda mulher do Cel. Pedro José de Sousa Lobo, sem descendência; Francisca Gertrudes de Sousa; João Francisco de Sousa; e Francisco José de Sousa Jr. (10).

Foi Vitorino o único descendente, ao que supomos, a permanecer em Santa Catarina, uma vez que os demais parecem ter ido para a Bahia. Manoel Joaquim Bacellar, por exemplo, faleceu na Bahia, tendo sido casado com Maria Cândida Bacellar, natural da "freguesia do Ribeirão desta Província" (sic), filha legítima de Manoel José da Lapa e de Ana Maria de Sousa, conforme inventário dos bens dela, em 1874 (11), sendo inventariante o Cel. Francisco da Costa Pereira, em virtude de o casal não ter deixado nenhum descendente.

Dita Maria Cândida Bacellar faleceu aos 27.3.1874 (12), "de inflamação por dentro", com a idade de 68 anos, já viúva de Manoel Joaquim Bacellar, tendo sido a inventariante dos bens dele em 1859 (13). Um Francisco Firmino Bacellar, ausente, teve seus bens inventariados, também em 1874 (14), pelo mesmo português Francisco da Costa Pereira. Não sabemos se pertencia à mesma família o José Rodrigues Bacellar Cappela, empregado na Messa de Rendas, em 1878 (15), casado com Úrsula Francisca de Freitas,

cujas filha Maria Benedita do Carmo Bacellar casou, aos 4.7.1871 (16), com Antônio José de Miranda, morador na Vila de S. Luiz de Guaratuba, filho de Antônio Policarpo de Miranda e de Ana Maria da Graça. Demais disso, o sobredito Manoel Joaquim Bacellar houve, com Maria Orminda do Nascimento, moradora na Bahia, os filhos Quintino, Emiliano e Manoel, de acordo com o inventário promovido, em 1876 (17), pelo luso Francisco da Costa Pereira, testamenteiro de D. Maria Cândida Bacellar.

A mãe de Vitorino Bacellar, D. Gertrudes Teresa de Jesus, a exemplo de seu padraсто, que o criou, foi abastada em bens da fortuna. Assim é que, quando foi da classificação de escravos para o Fundo de Emancipação (18), ela possuía, dentre outros, os cativos: Agostinho, matriculado sob n. 866, pardo, casado, da lavoura, de moralidade boa, com oito pessoas de família, estimado em 500\$000 réis, que foi manumetido por carta de 21.10.1874; Jerônimo, preto, com 38 anos, solteiro, de boa aptidão para a lavoura e de boa moralidade, sem família; Felipe, preto, de 41 anos, solteiro, "idem", matriculado sob n. 870; Luiza, preta de 13 anos, matriculada sob n. 871, solteira, apta para todo serviço, de "regular" moralidade etc. Vitorino Bacellar, à sua vez, alforriou, aos 26.3.1897 (19), o escravo Paulo.

Vitorino Bacellar foi o primeiro presidente do "Club Republicano" (20), fundado em Joinville, em 1886, juntamente com Mário Lobo, José Pedro Torreres, Ignácio Bastos, Henrique Jor-

9 — Cf. A. R. NASCIMENTO, *O Último Capitão-Mor de São Francisco do Sul*, in Blumenau em Cadernos, Tomo XXVII, nov/dez/1986, nn. 11 e 12, p. 344.

10 — Arq. jud. cit.

11 — Id. ib.

12 — Livro n. 8 de óbitos da Matriz de N. Sa. da Graça.

13 — Relação de inventários processados na Comarca, autos extraviados.

14 — Arquivo judiciário da Comarca de S. Francisco do Sul.

15 — Id. ib.

16 — Livro n. 8 de casamentos da cit. Matriz, fl. 81.

dan, Jean Bauer e outros.

Supomos que tenha sido casado duas vezes mas não temos o nome de sua segunda mulher. A primeira foi Guilhermina Cesarina de Oliveira, batizada aos 04.4.1852 (21), tendo por padrinhos João Antônio Monteiro, viúvo, e Cesarina Maria de Jesus, casada, morta aos 15.2.1888 (22), com a idade de 36 anos, em Joinville, de tísica pulmonar, filha legítima do Alferes, depois Tenente Francisco Xavier da Conceição e Oliveira (23), irmão germano do Tenente-Coronel José Antônio de Oliveira Cercal Jr., e de sua mulher Rita Caetana de Oliveira, viúva do luso Manoel Dias dos Santos, natural da freguesia de N. Sa. das Necessidades da Cidade do Porto, neta paterna de José Antônio de Oliveira Cercal Sênior, comerciante da Vila do Parati, hoje Araquari (SC), e de Cesarina Maria de Jesus, esta filha do Alferes Manoel Fernandes Dias, filho do Cap. Mor Francisco Fernandes Dias Sênior, e materna João Antônio Monteiro, natural de Lisboa, e de Caetana Maria da Silva, natural da Ilha de Santa Catarina, esta filha de José da Silva Santos, natural do Porto, e de Maria da Silva, natural da Ilha de Santa Catarina, conforme batismo do filho Basílio Augusto, aos

23.10.1881, nascido aos 13 de março, em Joinville (24), quando seu pai, o dito Vitorino, é dado como "morador na Estrada D. Francisca e comerciante", tendo por padrinhos o Tenente-Coronel José Celestino de Oliveira e sua mulher D. Maria Benedicta de Loyola e Oliveira. Desse primeiro leito, outrossim, foram filhos: Teresa, batizada aos 03.1.1871, tendo por padrinhos Manoel Correia d'Noronha e a avó paterna; Julieta, batizada aos 19.2.1883, nascida em Joinville, aos 04.12.1882, tendo por padrinhos Antônio Maria Barroso Pereira e sua mulher Filomena Cândida da Silva Correia (25); Maria, morta aos 12.1.1888 "sendo causa de sua morte seu nascimento imaturo" (26); e Carlos, batizado em Joinville também, aos 21.8.1879 (27), nascido aos dois de agosto, tendo por padrinhos Antônio José Ribeiro e D. Rita Caetano de Oliveira.

Um Eurico Bacellar, filho ou neto de Vitorino, fundou em Joinville, no ano de 1917 (28), o jornal "Comarca", e talvez fosse irmão de Nilo Bacelar, vereador em Itajaí, de 1915 a 1919 (29), bem como de Julieta Bacellar (v. supra), casada com Amantino Bley (30), filho de João Bley e de Maria Grein (31), neto paterro de Nicolau Bley e de Isabel Guebert, e materno

17 — Arq. jud. cit.

18 — Arquivo particular do A.

19 — Cf. ELLY HERKENHOFF, **Escravos Joinvillenses**, in Blumenau em Cadernos, Tomo XXI, nov/dez/1980. nn 11 e 12, p. 346.

20 — Cf. CARLOS FICKER, **História de Joinville**, 2ª. ed., 1965, p. 325.

21 — Livro n. 11 da Matriz de N. Sa. da Graça.

22 — Livro n. 2 de óbitos da Catedral de Joinville.

23 — Arq. Púb. do Est. de SC, Livro de Registro de Patentes, fls. 106 e 166, alferes da 1ª. Cor/C, aos 20.4.1853, tenente da 2ª. Cia. do 5º. Bl, aos 23.8.1865.

24 — Livro n. 5 da freguesia de S. Francisco Xavier de Joinville.

25 — Id. ib.

26 — Livro n. 2 de óbitos da Catedral de Joinville.

27 — Registros da Catedral de Joinville, livro de batismos.

28 — Cf. PLÁCIDO GOMES, **A Imprensa em Joinville**, 1951, Joinville, in **Album do Histórico do Centenário**, p. 51.

29 — Cf. MARCOS KONDER, **A Pequena Pátria**, 1982, Ed. da FCC, p. 96.

30 — Cf. FRANCISCO NEGRÃO, **Genealogia Paranaense**. Curitiba, 1947, V. 6º., Imp. Paranaense, p. 486.

de João Grein e de Teresa Stresser, dos antigos povoadores do Rio Negro (PR) e de Mafra (SC), com descendência. Vitorino teve, outrossim, filho homônimo (32), casado com Honori-
na Loyola, filha do Prof. Arthur Fer-
reira de Loyola e de sua mulher Do-
mithila Moura de Loyola, com gera-
ção igualmente, que seria irmão, por
demais, de Guilhermina Bacellar, casa-
da com Heleodoro de Almeida (33),
filho de Severo José Pereira e de

Francisca de Paula Xavier Frade, bem
como de Zeno Bacellar (34), casado com
Dinorah Ricardo dos Santos, filha de
Antônio Ricardo dos Santos e de Otília
Grein, com geração também.

Parece que Vitorino Francisco de
Sousa Bacellar, a par com Manoel Cor-
reia de Freitas, foi um dos mais no-
táveis republicanos do norte de San-
ta Catarina, a merecer, portanto, esta
singela biografia.

31 — Cf. WALDEMIRO BLEY JR., *Genealogia da Família Bley*, 1987, Curitiba, p. 85.

32 — Cf. F. NEGRAO, ob. cit., V. 1º., p. 226, 1927.

33 — Ob. cit., V. 1º.: 476.

34 — Cf. WALDEMIRO BLEY JR., ob. cit., p. 33.

Registros de Tombo de São Francisco do Sul (I)

Pe. Antônio Francisco Bohn

O livro 1894-1920) com a finali-
dade de registrar as Cartas Pastorais,
Portarias e outras comunicações do
Exmo. Sr. Bispo Diocesano e de seus
delegados, bem como outros documen-
tos e interesses da Paróquia de Nos-
sa Senhora da Graça do Rio de São
Francisco do Sul é assinado pelo Pa-
dre Antônio Francisco Nóbrega, no
termo de abertura em 15 de novem-
bro de 1894. Observações:

a) Os números dos termos são do
próprio Pe. Nóbrega.

b) Algumas Cartas Pastorais e
Documentos transcritos não se encon-
tram nos livros de Blumenau e Gas-
par.

Termo nº 1: Registro da Carta
Pastoral de Dom José de Camargo
Barros, primeiro bispo de Curitiba,
saudando aos seus diocesanos, em 24.
06.1894.

Mandamento instruindo o clero
sobre a maneira de ser lida a Carta
Pastoral, em 24.06.1894.

Informação sobre a leitura da Car-

ta Pastoral ao povo de São Francis-
co, em 05.12.1894.

Termo nº 2: a) Registro da Circu-
lar de Dom José mandando promover
uma coleta para a edificação do Se-
minário de Curitiba, em 03.11.1894.

b) Recebimento da Circular em
17.12. Anotação feita pelo Pe. Nób-
rega em 04.01.1895.

Termo nº 3: a) Registro da Carta
Pastoral de Dom José anunciando aos
seus diocesanos a Visita Pastoral, em
24.02.1895.

b) Mandamento instruindo o clero
como se dará a preparação dessa Vi-
sita, em 24.02.1895.

c) Informação sobre o procedi-
mento realizado na Paróquia, em 14.
05.1895.

Termo nº 4 Transcrições de avi-
sos que por ordem do Exmo. e Revmo.
Sr. Bispo Diocesano se acham publica-
dos em um anexo ao Calendário A-
nual:

1º) Renovação dos votos batis-
mais no domingo da SS. Trindade.

2º) Recitação dos Atos de Fé, Esperança e Caridade, antes da missa.

3º) Recitação do Salve Rainha com o povo.

4) Coleta de esmolas em favor dos escravos da África.

5º) Sobre as necessidades da Terra Santa.

6º) Consagração a Nossa Senhora com orações.

7º) Obrigação do Jejum e Abstinência.

8º) Preceitos de Abstinência para alguns casos.

9º) Celebração de casamentos "extra missam".

10º) Sobre os ônus de missas.

11º) Requerimento de procissões.

Termo nº 5: Renovação das Promessas de Batismo. Forma do Ato de Renovação. Atos de Fé, Esperança e Caridade. Transcrições desses avisos nos livros competentes e anotações do Pe. Nóbrega, em 27.06.1895.

Termo nº 6: Transcrição de um capítulo da Visita Pastoral de Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, bispo do Rio de Janeiro feita em 25.06.1815.

Obs: O Pe. Nóbrega diz que encontrou este capítulo numa folha com o nº 25, entre outras folhas de um Livro todo danificado, registro de 17.08.1895.

Termo nº 7: Registro da Portaria do Sr. Bispo de 04.10.1894 copiada no Livro de Tombo da Paróquia de São Francisco Xavier de Joinville.

Termo nº 8: Registro do Provimto Geral da Visita Pastoral do Bispo Diocesano à Paróquia de São Francisco, em 20.09.1895.

Termo nº 9: Provimto especial da Visita:

1) Que os sacerdotes apresentem as Provisões quando exercerem as funções religiosas.

2) Recomendação do Bispo para

que os sacerdotes não deixem de usar a batina.

3) Ordem aos párocos para recitarem com o povo os Atos de Fé, Esperança e Caridade.

4) Recomendação que seja lançado no Livro de Tombo o Inventário Geral dos bens móveis e imóveis e os fatos anteriores e certos que se souberem relativamente à Paróquia.

5) Recomendação quanto à limpeza e conservação da Igreja e alfaias sagradas.

6) Lembrete de que os vigários são sempre os fiéis colaboradores do Bispo. Visita Pastoral feita em 20.09.1895.

Termo nº 10: Cópia do Provimto que o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano escreveu às folhas 215 do Livro nº 19 dos termos de batizados da Paróquia de Nossa Senhora da Graça, em 18.09.1895.

Termo nº 11: Cópia da Carta Circular de Dom José com relação a cemitérios de algumas Paróquias, em 25.10.1895.

Termo nº 12: Registro da Carta Pastoral de Dom José estabelecendo o Óbulo Diocesano, em 16.01.1896. Mandamento em anexo que determina:

1) Criação da Fábrica Diocesana e contribuições.

2) Sobre Coletas de esmolas.

3) Nomeação de fabriqueiros paroquiais.

4) Contribuição das Irmandades, Confrarias e Associações.

5) Óbulo para a Fábrica Diocesana.

6) Disposições transitórias.

7) Leitura da Pastoral em público.

8) Transcrição feita pelo Pe. Nóbrega, em 07.05.1896.

(Continua no próximo nº.)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breilkopf

O SONHO DE TER AUTOMÓVEL OU
MOTOCICLETA, JÁ É REALIDADE.

Consórcio BREILKOPF

Você conhece.

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de
qualidade. Para todo mundo. Em todos os tempos.